



**Pulitzer
inova e boicota
jornalões**

CONTRACAPA



**Reforma
Universitária.
E agora?**

RESPOSTAS NA 3



**Baleiro fala do
trabalho e dos
novos discos**

ENTREVISTA NA 15



ZERO

Curso de Jornalismo da UFSC - Florianópolis - Maio / Junho de 2005 - Ano XX - Número 3



Dinalva e Antonio, dois insurgentes. Reunião do Estado Maior em Xambioá (1972). Militares fazem busca na selva.

Duas vítimas na Lapa (RJ): Angelo Arroy e Pedro Pomar

Livro baseado em documentos do Exército reconta a saga do

ARAGUANAIA

A guerrilha esquecida

Reserva Raposa Serra do Sol divide governo e militares e provoca atentado contra professor universitário

Jornais podem ter crédito facilitado

Parceria internacional pretende dar ajuda financeira para imprensa de países emergentes

A Associação Mundial dos Jornais e o Fundo de Empréstimo para Desenvolvimento da Mídia (FEDM) estão se unindo para investir mais dinheiro em projetos de jornais de países em desenvolvimento. A parceria pretende dar empréstimo a juros baixos e ajudar empresas de mídia independente, cuidadosamente selecionadas, de países em desenvolvimento para torná-las um negócio economicamente viável.

"Esta é uma iniciativa única que poderá, com o tempo, transformar a assistência à mídia", diz Timothy Balding, diretor geral da base da AMJ em Paris. "Nós criaremos oportunidades seguras para os todos os tipos de investidores - agências de apoio à empreendimentos, corporações, fundações, vendedores e os próprios jornais - para fazer contribuições significativas a impressos independentes com a promessa de que eles terão o dinheiro de volta", acentua.

Para Sasa Vucinic, diretor administrativo do Fundo, "esta parceria irá aproximar os interesses dos investidores às necessidades da imprensa. Isso permitirá um futuro seguro aos jornais independentes, permitindo-lhes continuar seu papel vital em países que estão em transição para a democracia". O FEDM já tem um recorde em assistência financeira, tendo arrecadado e emprestado mais de US\$ 40 milhões na última década para 45 companhias em 17 países.

Balding diz que a parceria do fundo para o desenvolvimento dos Jornais Independentes vai reforçar os dois maiores pilares do trabalho da AMJ: desenvolvimento da publicação dos jornais no mundo inteiro e promover uma imprensa livre. "Isso irá direcionar, numa base sustentável, um crescimento importante, mas que algumas vezes torna-se uma prioridade negligenciada: a absoluta necessidade do papel da mídia para que democracias emergentes alcancem viabilidade comercial".

O novo fundo proverá: Capital, através de empréstimos que serão ressarcidos, para negócios da imprensa cuidadosamente identificados; ferramentas para ajudar novos negócios e garantir o reembolso dos empréstimos através de conselhos de especialistas; conhecimento em como alavancar tecnologias para acelerar a auto-sustentabilidade; suporte em negociações e acompanhamento para ajudar os jornais a resistir a ameaças à liberdade de imprensa. A parceria permitirá que ao FEDM um crescimento significativo no número de projetos que buscam seus fundos de empréstimo. A AMJ vai ajudar na busca de novos investidores e identificar, através de sua rede global de jornais, beneficiados com credibilidade, que sejam merecedores dos recursos.

A AMJ e o FEDM pedirão aos investidores que emprestem, não doem o dinheiro, mas que estejam dispostos a emprestar dinheiro a juros baixos - aproximadamente 0%. Os investidores estarão aptos, inclusive, para dar concessões aos seus credores, se eles quiserem, para dar um impulso adicional os projetos merecedores. O Fundo de Empréstimo para o Desenvolvimento da Mídia, pioneiro em um novo modelo de suporte à imprensa, é focado no desenvolvimento auto-sustentável de mídia independente. Atuando como uma missão dirigida para fundos de risco, o FEDM entra em uma relação próxima, envolvida e de longo prazo com cada cliente. Ele participa de cada empréstimo e investimento com monitoramento financeiro, aconselhamento permanente, consultoria especializada, treinamento empresarial e assistência tecnológica.

A Associação Mundial de Jornais defende e promove uma rede mundial de imprensa livre. Ela representa 18 mil jornais; seus membros incluem 72 associações nacionais de imprensa, jornais individuais em 103 países, 11 agências de notícias e nove grupos regionais de imprensa.

De pelego a combatente, SJSC faz 50 anos e conta trajetória em livro

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina (SJSC) completou neste dia 13 de maio cinquenta anos. Para comemorar seu meio século de vida, o Sindicato está realizando diversas atividades entre palestras, debates e uma exposição que acontecem entre os meses de maio e julho. Em sessão solene na Assembléia Legislativa, no dia 12 de maio, em comemoração alusiva ao cinquentenário, muitas homenagens foram feitas para alguns dos presidentes e jornalistas do SJSC e foi lançado o livro *Jornalismo em Perspectiva*, que conta algumas das principais histórias do sindicato desde a sua criação.

Durante estes cinquenta anos, o Sindicato dos Jornalistas viveu períodos muito diferentes. Começou forte e numeroso, já que na época, o registro de jornalista garantia isenção de Imposto de Renda, desconto de 50% em passagens aéreas e terrestres, aposentadoria especial, facilidade para financiamentos de casa própria e de automóvel e até tratamento especial na Justiça. Por isso a grande adesão ao Sindicato por comerciantes, por profissionais liberais e pessoas que não praticavam o jornalismo, mas queriam usufruir desses benefícios. Com a regulamentação profissional, o Ministério do Trabalho iniciou uma varredura que manteria no Sindicato apenas os jornalistas formados. Esta seria a primeira transformação na representação efetiva dos jornalistas catarinenses.

Nessa fase, o sindicato obteve um certo prestígio e projeção nacional, principalmente quando se engajou em lutas contra a censura e pelo estabelecimento da ordem jurídica no Brasil. O ex-presidente do SJSC Celso Vicenzi, ressalta a importância do Sindicato para a sociedade nos dias de hoje, "Temos o papel de garantir con-



Vicenzi (centro): vitória histórica em 1987

dições de trabalho mais adequadas para que os jornalistas possam exercer com dignidade essa profissão e assim beneficiar a sociedade que vai dispor de um jornalismo de qualidade. Pois assim terá as informações necessárias para tomar suas atitudes corretamente para não por em risco o futuro dessa nação", diz.

Peleguismo no Sindicato - Representante de jornalistas em todo o território catarinense, voltando seus esforços para a profissionalização da categoria e a melhoria das condições de trabalho de seus profissionais, deveria ser o objetivo deste Sindicato, assim como o de qualquer outro movimento sindical. No entanto as principais preocupações do SJSC nem sempre foram essas.

Antes de receber a expedição da Carta Sindical, o sindicato era a Associação dos Jornalistas Profissionais. "E assim funcionou durante muito tempo. Como uma associação ligada à elite da época que fazia jantares para economistas, governadores, prefeitos, que homenageava generais na época da ditadura e nunca se opôs à situação política vigente no país", afirma Celso Vicenzi, primeiro presidente do SJSC eleito em 1987 após a criação do Movimento de Oposição Sindical (MOS), uma mobilização dos sindicalistas que estavam insatisfeitos com o comportamento da entidade. Ao mesmo tempo em que denunciava e enfrentava

a direção do SJSC, o MOS também tratava de fortalecer a entidade promovendo a importância da sindicalização, já que a maioria dos jornalistas do Estado ignorava o Sindicato.

Não poderia ser diferente a insatisfação dos profissionais com o seu sindicato, já que o mesmo, no período mais obscuro do Regime Militar, por exemplo, prestava ajuda ao Serviço Nacional de Informações enviando informações sobre jornalistas do Estado. "Não há muitos documentos, mas alguns papéis deixados para trás mostram que ajudar os militares a perseguir jornalistas foi uma das práticas do Sindicato durante os anos de chumbo da história do Brasil" afirma Gastão Cassel, jornalista e professor de comunicação no texto que escreveu para o livro *Jornalismo em Perspectiva*.

O livro lançado em sessão solene na Assembléia foi totalmente produzido por jornalistas, dos textos às ilustrações, da capa ao projeto gráfico e reúne textos inéditos de 25 profissionais que contam a história do jornalismo catarinense nos últimos 50 anos fazendo um resgate ao passado, refletindo sobre o presente e projetando o futuro desse jornalismo.

No capítulo "Muita história para contar (ou Uma história por contar)", escrito pelo jornalista Gastão Cassel, é contado fatos resultantes do encorajamento dos jornalistas pela luta de seus direitos como manifestações ousadas em protestos, greves e atos públicos em que se buscava fazer aparecer na televisão mensagens sobre as condições de trabalho dos jornalistas. Foi o caso da Operação Papagaio. Em diversas transmissões ao vivo, os sindicalistas tentavam aparecer atrás do repórter como "papagaio de pirata" com cartazes reivindicando os direitos dos jornalistas.

Textos : Sarah Castro

ZERO

ANO XX - Nº 3 - MAIO/2005 - CURSO DE JORNALISMO - UFSC - CCE - JOR Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina **Apoio:** LabFoto, LabInfografia, LabRádio **Arte:** Alexandre Brandão **Colaboração:** Associação Mundial de Jornais, Deanne Fitzmaurice, Gilberto Alves, Janet Schwartz, Luiz Bitar, Michael Aglioli, Pulitzer Prize, Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina **Copy-writer:** Marianna Aragão, Ricardo Barreto **Direção de Arte e de Redação:** Professor Ricardo Barreto **Edição:** Emília Chagas, Francis França, Giovana Sanchez, Leandro Uchôas, Marianna Aragão, Maurício Frighetto, Robson Martins, Sarah Castro, Thiago Macedo **Editoração eletrônica:** Alexandre Brandão, Wendel Martins **Editores-executivos:** Alexandre Brandão, Isadora Pamplona, Wendel Martins **Fotografia:** Leo Miranda **Laboratório fotográfico:** Bruna Marcon, Marcelo Rafael **Secretaria de redação e circulação:** Isadora Pamplona **Serviços editoriais:** Agência Estado, Agência Pulsar, Associated Press, CartaCapital, Conselho Indígena de Roraima, Google, *Folha de São Paulo*, Knight Center, Observatório da Imprensa, *O Estado de São Paulo*, Prensa Três, Reuters, SJSC, Stock Photos, Último Segundo, *Veja*, www.nytimes.com, **Textos:** Alexandre Montenegro, Bruno Moreschi, Emília Chagas, Francis França, Giovana Sanchez, Jaqueline Li, Leandro Uchôas, Marco Junqueira, Marianna Aragão, Maurício Frighetto, Sarah Castro, Thiago Macedo **Tratamento de imagens:** Alexandre Brandão **Impressão:** Diário Catarinense **Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC **Telefones:** 55(48) 331-6599, 331-9490, 331-9215 **Fax:** (48) 331-9490 **Sítio:** www.zero.ufsc.br **E-mail:** zero@cce.ufsc.br **Circulação:** Nacional, gratuita e dirigida **Tiragem:** 5.000 exemplares **Deadline:** 24 de maio 2005



Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV, V e XI Set Universitário - PUC-RS
88, 89, 90, 91, 92 e 98

e-ZERO

3º Melhor
Jornal-laboratório do Brasil
Expocom 94

Melhor Jornal-laboratório
1º Prêmio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC - 2000

Nova ameaça ao ensino do jornalismo

Reforma Universitária reincorpora o ciclo básico e traz o fim das ciências sociais aplicadas

Faz parte da lógica capitalista, quando se busca regras novas para setores importantes, o profundo embate entre interesses econômicos, políticos e éticos de entidades distintas. É por isso que qualquer reforma proposta pelo governo federal que pretenda reestruturar um setor significativo do país será sempre polêmica, gerando inevitavelmente revolta ou crítica de um lado e elogios de outro. É o que vem acontecendo com o Anteprojeto de Lei do Ensino Superior, apresentado em dezembro de 2004 pelo Ministério da Educação (MEC) ao Senado, que estabelece as bases do que pretende ser a Reforma Universitária.

As entidades que representam os jornalistas estão atentas ao projeto desde o início da elaboração do documento. A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPI), e a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) já haviam se unido para debater as propostas da profissão para a universidade e, ainda em outubro, apresentaram um documento ao MEC com suas reivindicações.

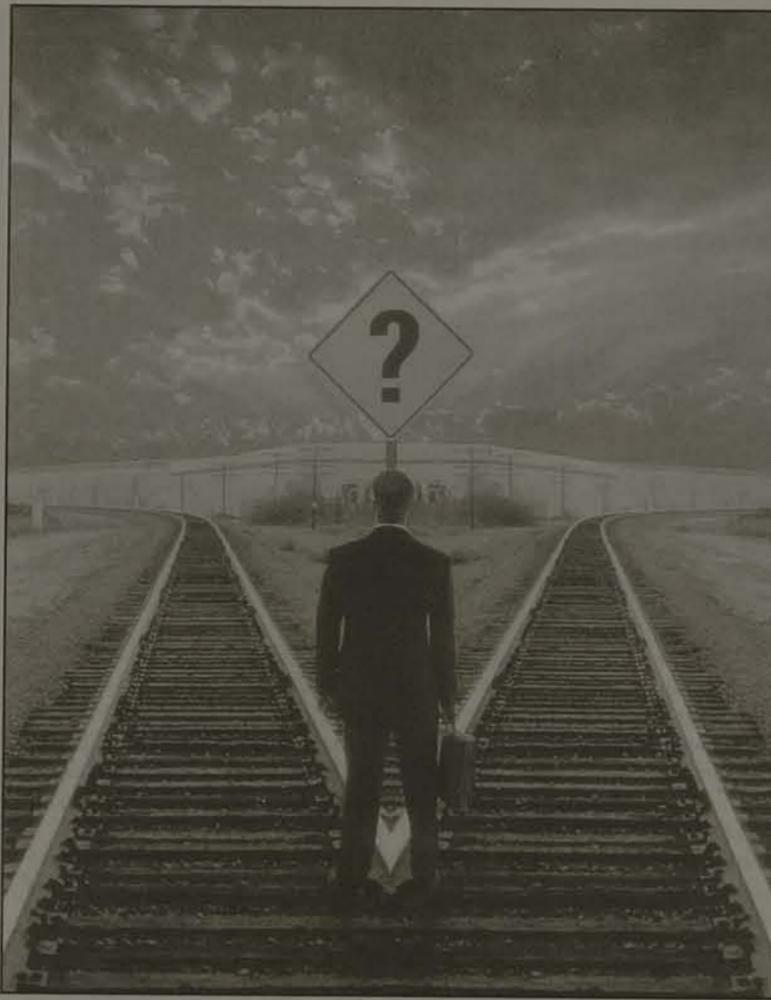
O ministro Tarso Genro, ainda antes de enviar o anteprojeto ao Senado, havia recebido os representantes das três entidades para discutir suas ponderações. Mas o texto apresentado em dezembro decepcionou as três entidades por incorporar poucas de suas reivindicações. "O governo claramente não acatou nossas propostas" lamenta Elias Machado, presidente da SBPJor.

Embora insatisfeitas com o texto, as representações dos jornalistas não evitam o debate, como fazem aquelas conhecidas entidades mais fiéis à postura da esquerda tradicional brasileira de demonizar qualquer coisa que venha do governo federal. Elas reconhecem que é momento de aproveitar as discussões para repensar a universidade, e que qualquer reforma que se pretenda fazer deve se orientar pela produção de conhecimento e desenvolvimento científico, e não pelo mercado. Só assim seria possível interromper o processo de privatização do ensino iniciado no governo de Fernando Henrique Cardoso, que levou o país a ter hoje 70% das vagas universitárias alocadas na universidade privada, uma aberração se comparado com o índice de outros países.

Existe uma série de avanços no anteprojeto do governo que, por apresentarem melhorias para a universidade, indiretamente favoreceriam a pesquisa e o ensino de Jornalismo. O aumento de orçamento das universidades, por exemplo, é um dos incontestáveis benefícios, se o governo realmente encontrar meios de sistematizá-lo. A autonomia universitária é outra proposta que mereceria elogio, desde que se defina o que de fato é essa autonomia, reparando as contradições em outros pontos do texto.

Uma série de outros avanços poderiam também ser citados no texto do anteprojeto, como o Plano de Carreira e o Piso Salarial para os funcionários da universidade, a limitação da participação da instituição mantenedora, entidades proprietárias das universidades privadas, no Conselho Superior da instituição privada, e a exigência de uma "função social" para as universidades, tópico que ainda carece de esclarecimento.

Como o governo tinha estabelecido o mês de março como prazo para novas sugestões ao anteprojeto, as três entidades ampliaram seus debates nos três primeiros meses desse ano, e apresentaram ao MEC o texto *Contribuições do campo do Jornalismo ao debate sobre o Anteprojeto de Lei da Educação Superior*. O documento levanta de forma conjunta e consensual pontos positivos, negativos, turvos e absurdos, e se posiciona contra o texto do antepro-



jeto como ele está, por "evidenciar e privilegiar somente um aspecto da formação: o mercado", destaca.

Do ponto de vista do Jornalismo, talvez a maior aberração do anteprojeto seria o retorno do ciclo básico, prática implantada no Brasil durante o regime militar que significa a reserva de dois anos na universidade para o estudo de disciplinas de formação geral, não específica da profissão. Oriundo da proposta de educação padrão do Banco Mundial, o sistema foi adotado pelos Estados Unidos, Europa, e por quase todos os países da América Latina. "Nesses países, houve uma destruição da universidade como centro de produção de saber." afirma Machado, reiterando que "nos Estados Unidos e na Europa, o ciclo básico só não foi desastroso porque lá existem as escolas de elite", pondera.

O ciclo básico favorece as universidades que não pretendem gastar recursos com a implantação de laboratórios. Bastaria um quadro, um giz, e várias carteiras para que diversos estudantes ocupem muitas vagas na aula de um só professor. "É evidente que é mais econômico para a universidade o retorno do ciclo", destaca Sérgio Murillo, presidente da Fenaj.

Outra preocupação recorrente entre os jornalistas é a possível extinção do campo de saber onde o Jornalismo se instala, o de Ciências Sociais Aplicadas. Com o fim do campo, o Jornalismo passaria provavelmente a integrar as Ciências Humanas e Sociais. Consequência dos tradicionais erros conceituais de quem não conhece Jornalismo, em que a profissão é vista como teoria e não como uma prática profissional sobre a qual se produz teoria, esse deslocamento de campo também acabaria por favorecer as universidades que querem ensinar Jornalismo apenas com quadro e giz.

A criação do Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão que funcionaria no controle, fiscalização e normatização da universidade, seria encarada como positiva para o Jornalismo caso sua formação fosse representativa da sociedade. Entretanto, o texto do anteprojeto prevê que todos os cargos são nomeados pelo presidente da Repúbli-

ca, onde a maioria dos representantes viria do setor privado. "Nós não aceitamos a formação do Conselho. Quem eles representam?" indaga Valci Zuculotto, diretora regional sul da FNPJ e diretora de relações institucionais da Fenaj.

Dois pontos ainda turvos do anteprojeto, que o documento das três entidades levanta, são o financiamento das universidades e o aumento do número de vagas. O texto apresentado pelo MEC prevê o fim das fundações, mas não apresenta alternativas viáveis de substituição do financiamento hoje promovido por elas. "Não fica claro como vai ser feito o financiamento das escolas. A Fenaj não condena, mas isso precisa ser esclarecido", diz Murillo. "Se não existem alternativas reais para substituir as fundações, é preciso que o governo as aceite e proponha uma forma de controle." complementa Machado.

O aumento do número de vagas nas universidades é claramente positivo, principalmente tendo em vista que apenas 10% dos jovens brasileiros (18 a 24 anos) estão no ensino superior, mas a inclusão deve ser feita com a preservação da qualidade. É nesse ponto que se instalam as preocupações. O crescimento das vagas poderia ser promovido com o desprezo por uma estrutura universitária melhor, e com a alocação de muitos alunos em uma mesma sala de aula, tal como ocorre nos países vizinhos da América do Sul. Dessa forma, é preciso

que haja um compromisso do MEC de aumentar o número de professores paralelamente ao crescimento de vagas. A tentativa de aumentar o número de alunos matriculados na universidade é vista por alguns críticos também como uma forma de controle social. O universitário seria um desempregado a menos. "Se todas as pessoas da universidade estivessem no mercado, procurando trabalho, haveria um caos social", lembra Machado.

Esses aspectos, somados a outros como a possível redução da duração de alguns cursos de quatro para três anos, e a insuficiência de tempo legalmente garantido de dedicação dos professores à universidade, têm trazido muitas preocupações para os jornalistas, que temem que seu caráter absurdo inviabilize os avanços que a reforma poderia trazer.

Segundo o documento apresentado pelas entidades, a universidade corre o risco de sofrer um "grave retrocesso pedagógico na formação superior específica dos jornalistas, terminando por destruir escolas de jornalismo de excelente qualidade, que vêm servindo de referência para melhorar e aperfeiçoar o ensino universitário brasileiro", adverte. Machado vai além: "Nós não temos como aceitar um projeto que é uma volta no tempo. Se o governo nos ouvir de fato, esse projeto não tem como ser implantado. A Reforma seria boa pra ampliar nossas conquistas, e não para destruí-las", lamenta.

Os representantes dos jornalistas estão se preparando para estar presentes em cada etapa do processo de discussão da reforma, desde a elaboração do próximo texto, até sua votação em plenário. Diversos seminários estão sendo programados no país inteiro, com a participação das três entidades, que já procuram somar a Enecos (Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social) nas discussões. "Esses debates vão dar repercussão para nossas preocupações. O MEC não vai poder ficar insensível a nossas reivindicações. Isso vai aumentar nossas condições de interlocução", defende Murillo. O grupo executivo do MEC encarregado de sistematizar as emendas apresentadas ao anteprojeto está em processo de consolidação do texto que vai ser enviado à Casa Civil ainda esse mês, para mais algumas discussões. Pela agenda do governo, até julho o texto final já vai estar no Legislativo para votação.

Leandro Uchôas

**Para SBPJor
texto evidencia
mercado, destrói
conquistas e
volta no tempo**

Tráfico persegue jornalistas no México

Cinco mortes, atentados e seqüestros causam indignação da sociedade e de 125 jornais

Um telefonema na noite do dia 8 de abril foi o último contato que o jornalista mexicano Alfredo Jiménez Mota teve com o jornal em que trabalha, o *El Imparcial*, antes de desaparecer. Por telefone celular o repórter comentou com uma colega de trabalho que teria um encontro de alguns minutos com uma fonte "que andava muito nervosa". Desde então a polícia não tem pistas sobre seu paradeiro. Especializado em assuntos de segurança pública e narcotráfico, o jornalista havia publicado, semanas antes, uma série de reportagens investigativas que revelaram nomes e ações de três integrantes do cartel de Sinaloa, que transporta drogas no norte do país.

O desaparecimento de Mota se insere no contexto de dificuldades que enfrenta o jornalismo mexicano. Apenas no último semestre, cinco profissionais foram assassinados, o que levou o país a ocupar primeiro lugar no ranking de violência contra profissionais da Federação Latino-Americana de Jornalistas, posição antes ocupada pela Colômbia. Os constantes assassinatos e ameaças têm como principal pano de fundo o poder do narcotráfico nos Estados mexicanos do norte.

O perigo ato de informar- A fronteira com os Estados Unidos é área de conflito crescente entre os dois países, além de ser base de operação dos três maiores cartéis da droga: dos irmãos Carrillo, de Arellano Félix e do "El Chapo" Guzmán. O que ocorre nessas zonas urbanas é uma grande injeção de capital proveniente do narcotráfico e o fracasso da administração pública em combater o crime organizado. Nessas áreas, portanto, o jornalismo de denúncia, investigativo, vive sob constante ameaça.

Dos últimos seis casos de violência contra jornalistas ocorridos no país, cinco estão ligados ao narcotráfico. Na primeira semana de abril, a comentarista Guadalupe García Escamilla morreu vítima de um atentado com arma de fogo quando saía de seu trabalho em uma estação de rádio em Nuevo Laredo, Tamaulipas, fronteira com o Arizona. Assim como Jiménez Mota, Escamilla se especializara em reportagens policiais e comandava o programa *Punto rojo* (Ponto vermelho) na rádio XHNOE Estéreo 9, em que tratava especificamente de temas relacionados à segurança pública.

Desde o dia 14 de abril a Procuradoria Geral da República (PGR) cuida dos casos mais recentes de agressão contra jornalistas em Tamaulipas e Veracruz. De acordo com o diretor oficial de polícia do Estado, Héctor Fernando García, para ajudar nas investigações da morte da jornalista Guadalupe Escamilla foi entregue à Procuradoria um CD com gravações dos programas produzidos por ela na rádio Estéreo 9. Segundo ele, "foram detectadas nas gravações, críticas contra a violência de casos relacionados ao narcotráfico em Nuevo Laredo", o que pode indicar a linha de partida das autoridades para a solução do crime.

Outro caso que ilustra o perigo de reportar assuntos liga-



Alvaro Delgado do El Proceso: ameaçado de morte participou de vários atos públicos

dos ao narcotráfico na fronteira é o assassinato de Raúl Gibb Guerrero, diretor do diário *La Opinión*, ocorrido dia 6 de abril. O jornalista foi atingido por 13 tiros quando voltava para casa em seu automóvel, na cidade de Poza Rica. Guerrero era dono do periódico *La Opinión*, no qual noticiava ações do narcotráfico e denunciava a máfia dos ladrões de gasolina da região.

A repórter Cecilia Vargas também sofreu por escrever sobre o crime organizado no diário em que trabalha, *La Verdad del Sureste*. No dia 17 de abril sua filha foi seqüestrada e permaneceu durante sete horas com os criminosos, que exigiam que sua mãe parasse de divulgar informações sobre o narcotráfico.

Peguem em armas- As reações aos atos criminosos envolvendo jornalistas têm sido severas apenas por parte da sociedade civil. Uma marcha silenciosa realizada em Hermosillo no final do mês de abril reuniu 500 pessoas que protestaram contra a falta de resultados nas investigações a respeito do desaparecimento de Jiménez Mota. Já após o funeral da repórter Guadalupe Escamilla, repórteres e fotógrafos montaram guarda em frente ao palácio do governo e entregaram ao governador Eugenio Hernández Flores cartas nas quais exigiam "ações concretas" para deter a onda de violência na fronteira.

Organizações de defesa como a Repórteres Sem Fronteiras (RSF) também condenaram os crimes e alertam para a necessidade de medidas urgentes. "As autoridades federais têm de reagir lutando contra o crime organizado e garantindo a proteção dos meios de comunicação", ressaltou a ONG em comunicado oficial. Ainda segundo a RSF, "muitas investigações efetuadas em nível local levaram a becos sem saída" e isso alimenta "um clima de impunidade que não pode continuar". A crítica é a mesma por parte da Associação Mexicana de Editores de Jornais, que agrupa 125 diários do país. A entidade reclama "da falta de tato e ofício político do presidente" para lidar com a situação.

De fato a ira das organizações de defesa e da sociedade civil se justifica: até agora as únicas ações públicas para resolver o conflito foram de cunho verbal. O secretário de Segurança Pública do estado de Tamaulipas disse, de maneira desastrosa, que se os jornalistas sentem cada vez mais ameaçados, então que consigam na delegacia mais próxima um porte de arma e assim poderão defender melhor sua integridade física.

O presidente Vicente Fox usa como defesa para as acusações de omissão em relação aos presentes atos contra jornalistas o fato de que em seu mandato ele conseguiu abranger ao máximo a liberdade de expressão na imprensa em geral - fato que não pode ser negado. No entanto, essa liberdade só poderá ser usufruída com o fim do medo e das constantes ameaças sofridas pelos jornalistas.



Declarações da Campanha "Ni Uno Más" são entregues para senadores na capital

TCE demora e CPI de vereadores investiga as contas de Amin

Mesmo que a bancada do PP na Câmara de Vereadores de Florianópolis se recuse a nomear um membro para a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Fundo de Previdência, as investigações serão realizadas. É o que diz a vereadora Angela Albino (PCdoB), que articulou a CPI. "A lei permite que realizemos as investigações mesmo sem um membro do PP porque haverá quorum".

Enquanto o Tribunal de Contas do Estado (TCE) se arrasta para dar o parecer sobre as contas de 2004 e ex-prefeita Ângela Amin (PP) e o prefeito eleito Dário Berger (PSDB) fazem um circo de acusações mútuas na mídia, a CPI da Câmara pretende trabalhar para descobrir quem está falando a verdade. "Não precisamos esperar pelo TCE, pelo contrário, as duas entidades funcionam como concorrentes, e é obrigação dos vereadores averiguar denúncias de irregularidades", diz Angela Albino.

A CPI da Previdência vai investigar a transferência de cerca de R\$ 18 milhões para o Banco Santos dias antes das eleições de 2004. Com a intervenção do Banco Central, em novembro, o valor da ação do banco caiu de R\$ 1,49 para R\$ 0,0061, gerando um prejuízo de R\$ 17 milhões, que levou o banco à falência. Os R\$ 18 milhões do fundo de previdência foram pulverizados e, em 31 de janeiro deste ano, restavam apenas R\$ 240 mil. Além disso, a CPI vai investigar a retirada de R\$ 5,4 milhões pela prefeitura para pagamento de despesas e mais R\$ 1,4 milhão que não foi repassado ao Instituto de Previdência. Se as acusações forem comprovadas, a CPI será encaminhada ao Ministério Público Federal, que deve tomar providências.

Dário Berger contratou uma empresa de auditoria para analisar as contas da prefeitura e encaminhou o relatório ao TCE no dia 25 de abril. De acordo com os documentos, o município tinha em caixa no final do ano passado R\$ 21,21 milhões e uma dívida imediata de R\$ 82,31 milhões. Segundo a auditoria de Berger, este valor ultrapassa a casa dos R\$ 122 milhões quando computados os compromissos de longo e médio prazos.

Ângela Amin chamou Dário Berger de "mentiroso" e afirma que deixou em caixa cerca de R\$ 52 milhões para uma dívida de R\$ 72 milhões, e acrescentou que a capacidade de endividamento da prefeitura permitiria um débito de mais R\$ 314,5 milhões. Para contestar os dados do atual prefeito, ela propôs uma nova auditoria. Em meio ao bate-boca do executivo, o TCE recolheu os dados e tem até dezembro para apresentar uma conclusão.

Caso antigo- Com a discussão sobre as contas da prefeitura, os acontecimentos polêmicos da posse de Dário Berger voltaram à pauta e chovem denúncias de ambos os lados. Berger acusa a oposição de prejudicar sua diplomação para esconder as condições reais da prefeitura. Os membros do PP rebatem dizendo que o prefeito criou a polêmica em torno das dívidas da prefeitura para desviar a atenção dos compromissos assumidos em campanha porque não consegue cumprir as promessas.

A guerra entre o PP e o PSDB na prefeitura de Florianópolis vem desde as eleições. Logo após o resultado nas urnas, os advogados de Chico Assis (PP), candidato derrotado no segundo turno, entraram com um processo no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pedindo a cassação de Dário Berger com base na acusação de que o tucano teria usado estrutura e pessoal da Polícia Militar para realização de um comício durante a campanha.

Uma liminar do Tribunal Superior Eleitoral, concedida pelo ministro Luiz Carlos Madeira, impediu a diplomação de Berger, prevista para o dia 16 de dezembro. A diplomação só foi confirmada em 25 de dezembro pelo Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina. Os juízes do TRE julgaram por mais de quatro horas recurso do PP e decidiram a favor de Berger por cinco votos a um.

Francis França

Giovana Sanchez

Vaticano escolhe o papa da Inquisição

Depois de João de Deus, o homem do Vaticano é o mesmo do Tribunal do Santo Ofício

Olhos e câmeras de TV de todo o mundo estavam fixos no balcão da Basílica de São Pedro, no Vaticano, quando, no fim da tarde de 19 de abril, o cardeal Jorge Artur Medina anunciou a decisão do conclave dos 115 cardeais: *Habemus Papam* (Temos o papa). Medina revelou que o escolhido era o cardeal alemão Joseph Ratzinger, que atribuiu a si mesmo o nome de Bento XVI. A eleição do decano de 78 anos era esperada por todos os especialistas. Desde que a debilitação física de João Paulo II se intensificou, foi Ratzinger quem assumiu suas principais funções litúrgicas. Em suas primeiras palavras a Roma e ao mundo, Bento XVI se apresentou como um simples e humilde trabalhador nas vinhas do Senhor.

Apesar do favoritismo, a divulgação do nome de Ratzinger levou decepção a uma grande massa de católicos, e até mesmo não-católicos. O cardeal ocupava desde 1981 a função de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, antigo Tribunal da Inquisição, na Idade Média. Soma-se esta posição não muito simpática aos princípios dogmáticos defendidos a ferro e fogo por Ratzinger e o que se tem, segundo os vaticanistas, é a vitória da ala mais conservadora da Igreja Católica.

Continuação, mas com diferenças- Devido à estreita relação de amizade e afinidade dogmática entre Joseph Ratzinger e Karol Wojtyła, muitos vêem o pontificado de Bento XVI como uma prorrogação do anterior. Quem conhece os bastidores do Vaticano discorda. Juan Arias, jornalista e escritor espanhol, conviveu durante anos com a cúria romana e garante: "não poderia haver ninguém mais diferente do papa anterior do que Ratzinger". Para Arias, uma das diferenças básicas entre os dois é o trato com a mídia. Ao contrário do antecessor, Bento XVI é tímido e sempre evitou a imprensa.

No Brasil, toda a mídia procurou de imediato o ex-frade franciscano Leonardo Boff. Nos anos 70, Boff foi um dos principais integrantes da Teologia da Libertação, uma espécie de esquerda na Igreja. Em 1981, o frade brasileiro lançou o livro *Igreja: Carisma e Poder*, delineando as teses da Teologia da Libertação, que pregavam a subversão da hierarquia católica. Coube a Ratzinger conduzir sua inquisição, nos anos seguintes, e impor-lhe o "silêncio obsequioso", que Boff deixou de lado ao fazer previsões pessimistas para a Igreja. "Talvez o pontificado de Bento XVI seja mais radical que o de João Paulo II, porque Ratzinger tem o pensamento claro, mas sem cordialidade, e a mão pesada nas decisões", aposta.

Dom Odílio Scherer, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) espera que a mídia trate Bento XVI sem opiniões pré-formadas. "Vamos aprender a conhecer o cardeal Ratzinger agora na veste de Bento XVI." O jornal francês *Le Monde* foi fundo na defesa de Ratzinger: "nada é mais caricatural do que sua reputação de teólogo inquisidor. Bento XVI surpreende pela doçura de seus olhos azuis e pela frieza de sua inteligência".

A trajetória de Bento XVI- Joseph Ratzinger nasceu em 1927, em Marktl am Inn, na Baviera, região alemã fortemente católica. Na adolescência, foi convocado pela Juventude Nazista e atuou na defesa anti-aérea de Munique. Na década de 50, ordenou-se padre e começou a ganhar destaque aos olhos da cúpula da Igreja, em 1962, durante o Concílio Vaticano II.

Na época, era considerado liberal, "um 'jovem selvagem' que combatia o *status quo* na Igreja", como publicou o jornal italiano *La Repubblica*. No entanto, poucos anos depois, assustado com o reformismo radical dos teólogos inovadores, Ratzinger passou a criticar o que chamou de "espírito negativo do concílio". Elevado à condição de cardeal em 1977, foi escolhido por João Paulo II prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1981, e desde então, tornou-se o principal ideólogo do pontificado de Karol Wojtyła.

Ultraconservadores felizes- A *Opus Dei*, grupo espanhol conhecido pelo ultraconservadorismo e pela atuação política, recebeu com alegria a escolha. "O novo papa sabe que pode confiar na dedicação de nossos padres e leigos", declarou o bispo Javier Echevarría, autoridade máxima do grupo que contava com pelo menos dois cardeais no conclave. Apesar da euforia, não há nenhuma notícia de que Joseph Ratzinger faça parte da *Opus Dei*. "A *Opus Dei* é um movimento político e Ratzinger não é político. Ele é um inquisidor", ressalta Juan Arias. Para Daniel Thompson, teólogo da Universidade Fordham, de Nova York, o diálogo entre Ratzinger e a *Opus Dei* fluiu tranquilamente. "Eles têm a mesma opinião sobre o mundo contemporâneo: uma visão bastante negativa da sociedade ocidental e de suas influências."

Ortodoxia é a marca de Bento XVI

Joseph Ratzinger, o papa Bento XVI, é conhecido – e criticado – por suas fortes opiniões a respeito dos dogmas da Igreja Católica e de questões polêmicas mundiais. Opiniões que já eram evidentes durante todo o período dele como cardeal e ficaram ainda mais claras na homilia da missa *pro eligendo papa* (para eleger o papa), que antecedeu o conclave. Nela, o cardeal condenou duramente o relativismo religioso e o materialismo, e deixou bem claro que se deve assumir uma fé clara, mesmo que esta prática seja considerada fundamentalismo por muitos. "Vai se constituindo uma ditadura do relativismo, que não reconhece nada como definitivo e toma como medida última das coisas o eu e as vontades do eu". Numa entrevista ao semanário italiano *Panorama*, em 2004, Joseph Ratzinger já dava uma dica do que se pode esperar da Igreja: "quanto mais se aproxima do mundo, mais se torna supérflua".

Bento XVI não deve assumir a mesma postura de João Paulo II quanto ao ecumenismo. O papa polonês não mediu esforços durante o seu pontificado para reunir todos os cristãos. Já o cardeal Ratzinger, em 2000, qualificou outras igrejas cristãs como deficientes. "São todas igrejas filhas da Santa Igreja Católica, não irmãs." Dentro da Igreja, Bento XVI deve bater de frente com as iniciativas de aumentar a participação feminina dentro da Igreja e as chamadas "showmissas", celebrações mais alegres e musicais, que visam atrair os fiéis mais jovens. Para o novo papa a igreja deve atrair os fiéis pela rigidez moral da doutrina.

Nas questões do mundo e do homem, Bento XVI deve levar ao extremo as opiniões de João Paulo II. Principalmente, com relação ao uso do corpo. Homossexualismo para ele é "uma inclinação que deve ser vista como uma enfermidade". O uso de preservativo nas relações sexuais leva à devassidão: "a proposta do 'sexo seguro' ignora a causa real do problema, a permissividade que, na área do



Bento: Conservadorismo é a principal semelhança com João Paulo

sexo e de outros abusos, corrói a moral das pessoas". Aborto e pesquisa com células-tronco embrionárias também estão fora de questão para o novo papa.

Outra crítica feita a Bento XVI é quanto sua visão pessimista da globalização – para ele, um inimigo. Quando a Turquia muçulmana passou a fazer parte da União Europeia, o cardeal Joseph Ratzinger afirmou que a Europa estava cometendo um erro enorme. Diferentemente de seu antecessor, Bento XVI não deve viajar muito. Sua intenção é intensificar a presença da Igreja na Europa. Para ele, é melhor uma igreja menor, com menos fiéis, mas com fiéis de verdade. Existe também a preocupação de que Bento XVI seja diferente de João Paulo II, naquilo em que o papa polonês foi mais elogiado – a preocupação com o social. "Ratzinger nunca teve a mínima preocupação com a questão social. Sua única preocupação é a fé", alerta Juan Arias, escritor e jornalista espanhol.

Muito empenho para proteger pedófilos

Em 52 anos, 4.450 padres foram acusados: 10.667 vítimas

Mais preocupante que a rigorosa defesa de posições conservadoras por parte do papa Bento XVI, são as acusações de que ele tenha se esforçado ao máximo para manter nas internas da Igreja denúncias de abuso sexual infantil por sacerdotes católicos. A revelação veio à tona, no início do mês, através da descoberta do jornal inglês *The Observer* de uma carta sigilosa enviada pelo cardeal Joseph Ratzinger a todos os bispos católicos em maio de 2001. Nela, o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé dizia que a Igreja tinha o direito de conduzir as investigações em silêncio e manter as provas confidenciais por até dez anos depois da maioria das vítimas.

A carta, considerada por advogados como uma clara obstrução da justiça, incentivava que os crimes de pedofilia cometidos por clérigos fossem julgados apenas pela Igreja Católica. As investigações sobre os casos deveriam ser encaminhadas ao escritório de Joseph Ratzinger, no Vaticano, e caberia ao cardeal a decisão de passá-las a tribunais privados, onde padres exerceriam as funções de juiz, promotor, notário e representante legal. Quebrar o sigilo nestes casos poderia levar a punições, inclusive à excomunhão.

Um estudo do John Jay College of Criminal Justice, encomendado pela Conferência Americana de Bispos Católicos, revelou que foram 10.667 vítimas de abuso por parte de padres nos últimos 50 anos nos Estados Unidos. Só em 2004, foram 1.092 acusações contra 756 padres. A Igreja Católica



Abuso de menores causa indignação

estima que 4.450 clérigos que atuaram entre 1950 e 2002 sofreram acusações de abuso.

O principal escândalo recente envolvendo pedofilia de sacerdotes católicos ocorreu nos Estados Unidos. Em dezembro de 2002, o cardeal Bernard Law, arcebispo de Boston, renunciou sob duras acusações de acobertar os crimes dos padres de sua arquidiocese. No ano seguinte, o procurador-geral de Massachusetts divulgou que padres e funcionários da arquidiocese de Boston molestaram mais de mil crianças ao longo de seis décadas. A Snap, sigla inglesa que significa "Rede de sobreviventes daqueles abusados por padres", estima que a Igreja pode ter desembolsado até US\$ 5 bilhões em acordos com vítimas, nos escândalos dos anos 90.

Para Barbara Blaine, fundadora e presidente da Snap, Bento XVI pode se sair bem no assunto se usar da mesma dureza com que tratou de outros temas, enquanto guardião da doutrina da fé. Por outro lado, é provável que ele não meça esforços para manter os processos longe do conhecimento público. O que se sabe é que pouco antes do conclave, Ratzinger buscou apurar detalhes de uma acusação de abuso sexual no México, arquivada por ele mesmo em 1999. As prováveis explicações para o interesse do cardeal em reabrir o caso: Ratzinger sabe que as provas podem se tornar públicas e quer se antecipar a isto ou usou o caso para facilitar sua eleição.

Textos: Thiago Macedo

Florianópolis abriga exilados do medo

Moradora de bairro nobre em São Paulo deixa a cidade para evitar sequestro-relâmpago

Andrea morava com o tio em uma cobertura no Itaim Bibi, bairro nobre de São Paulo. Naquela segunda-feira, entrou no elevador e três homens de terno preto entraram junto. Ficou preocupada, mas pensou que eles pudessem morar no prédio também. Quando o elevador começou a subir, os homens sacaram as armas. Deixaram duas apontadas para a cabeça e uma para o estômago. Um deles advertiu:

- Não grite, o prédio está tomado desde as três horas da tarde. Nós vamos até o seu apartamento. Se alguém gritar vamos matar você.

Passados três anos do seqüestro-relâmpago, todo dia Andrea lembra do ocorrido. "Várias vezes ao dia tenho a sensação de ter duas armas apontadas para minha cabeça". Apesar de ter se recuperado, não dorme sozinha em casa e tem pavor do escuro. Ela e a família mudaram-se para Florianópolis para fugir da violência de São Paulo.

Andrea cursava Turismo no Senac. Naquela segunda-feira, ela e duas amigas, Sílvia e Bimba, saíram para tomar cerveja no bar da faculdade. Ao lado da mesa delas havia três homens bem vestidos, todos de terno preto.

- Eles não param de olhar pra nós, disse Andrea preocupada.

- Olha, eles são gatinhos, estilosos, comentou uma das amigas.

- Não sei, não, respondeu Andréa.

Os homens ficaram olhando para elas a noite inteira. As amigas saíram e entraram no carro de Bimba, um Fiesta vermelho. Bimba poderia dirigir uma BMW, mas usava um carro mais popular para não chamar a atenção. Chegaram em frente ao prédio de Andrea. As amigas ficaram esperando no carro enquanto ela ir trocar de roupa. Entrou no elevador e os três homens a renderam.

Havia mais cinco homens no lado de fora do prédio. Comunicavam-se por um pequeno aparelho, menor que um telefone celular. Um deles ordenou: "Manda o casal descer e fazer a cena". Na hora Andrea não entendeu nada. Depois compreenderia. O casal discutiria para entreter as amigas que estavam na garagem esperando.

Andrea ficou em estado de choque. Não falava nada. Quando chegou na porta de seu apartamento, não conseguiu abrir a porta porque tremia. Teve que apertar a campainha. Os três homens renderam todas as pessoas que estavam na cobertura. Carla, a irmã, quatro primas, o tio e a tia. As sete mulheres ficaram sentadas no sofá da sala. O tio ficou no andar de cima, trancado com um dos seqüestradores. Um deles, que estava com terno Armani e sapato camurça, se colocou na frente e apontou para Andrea:

- Você é Andrea Tonicelo, 21 anos, tem um Clio verde, faz turismo no Senac. Tem uma conta no Bradesco; e citou o número e a senha da conta.

Apontou para a prima dela e repetiu o discurso:

- Você é Cristiane Pompeu, 21 anos, tem um Clio azul. Outra vez citou o número da conta e a senha.

Deu as características de uma por uma das reféns que estavam na sala. Confessou ainda que havia três meses estavam vigiando as famílias. A idéia era seqüestrar Andrea — da família Tonicelo — e Cristiane — da



Apesar de já ter tido a casa assaltada há cerca de um mês, Andrea ainda prefere a tranquilidade da capital catarinense

família Pompeu, ambas famílias ricas de São Paulo. Levariam as primas para um cativado e pediriam resgate. Enquanto falava, outro homem roubava o apartamento. Foram levados jóias, bebidas importadas, dólares, ouro e quadros conhecidos. Enquanto isso, Sílvia e Bimba permaneciam na garagem do prédio. Tentavam ligar para o celular de Andrea, mas estava desligado. Apesar da demora, ficaram entretidas com a

briga de um casal. Olhavam pelo retrovisor. O casal discutia por causa de uma suposta traição do marido, aos gritos: "Só saio daqui quando você me disser o nome da sua amante", ameaçava a mulher. Levemente embriagadas por causa da cerveja, estavam adorando a briga. Nesse momento, um quarto homem subiu ao apartamento.

Era o "chefão" dos seqüestradores. Estava de terno preto, camisa preta e uma pasta de executivo. As reféns começaram a cochichar. O chefão gritou:

- Quero que todo mundo fique quieto e abaixe a cabeça.

Quando uma delas levantou a cabeça, gritou novamente:

- Abaixa a cabeça menina, se não eu atiro em você!

Nessa hora o "chefão" começou o discurso:

- Seu bando de patricinhas, vocês acham que a vida é boa para todo mundo? Minha filha não tem o que vocês têm. E eu vou roubar e dar tudo pra ela. Minha filha não

tem baladinha, não tem conta com dinheiro no banco, não tem roupa de grife e não tem universidade.

O tio de Andrea que estava no segundo andar começou a passar mal. Andrea ficou assustada porque o tio já tivera um ataque do coração. O tio não parava de gritar: "vou morrer, vou morrer, me coloquem na cama". Os seqüestradores estavam com as duas primas no hall do elevador quando decidiram cancelar o seqüestro. O "chefão" pensou que o tio de Andrea daria problema e achavam que a polícia poderia saber do caso. De fato, as amigas que estavam na garagem foram até a portaria e viram o porteiro amarrado.

Desataram-no e chamaram a polícia.

Antes de sair, os seqüestradores trancaram todos em um quarto. Disseram para que não saíssem nos próximos dois dias e avisaram que não trocassem as senhas das contas bancárias. Falaram ainda que o seqüestro aconteceria em um outro dia. Desligaram a energia do apartamento e saíram. O tio que estava passando mal começou a rir. O ataque era um fingimento. A polícia chegou com metralhadoras meia hora depois.

Durante a madrugada, os seqüestradores roubaram a família. Fizeram um saque de R\$ 20 mil de uma conta jurídica de Andrea. Era o limite dela por ter uma loja no seu nome. Do tio, sacaram toda sua conta no Banco Real, que não era a mais vultosa.

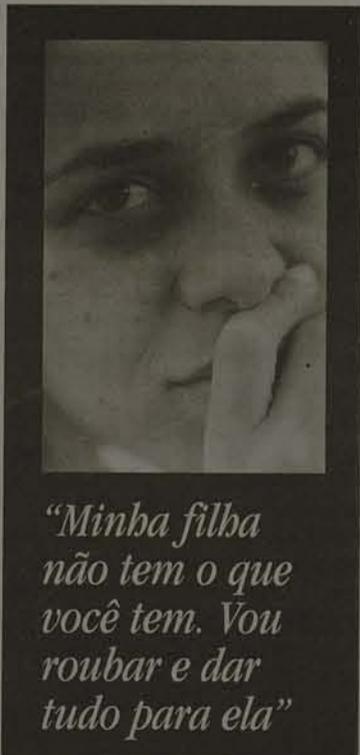
A família toda sofreu e ainda sofre com o seqüestro. De quinze em quinze dias fazem terapia familiar. Carla, a irmã mais velha, que estava junto no seqüestro, teve a Crise de Estocolmo. No começo achou tudo engraçado. Depois teve uma espécie de pânico. Depois de um tratamento, que incluiu parapsicologia e regressão, está bem.

Andrea teve depressão. Tinha medo de falar ao celular e de navegar na Internet. Acordou em uma madrugada e não conseguia se mexer. A tia a levou a um hospital. A baixa imunidade causada pela depressão fez com que pegasse meningite B. Como o seguro de saúde estava suspenso — já que estavam de mudança para Florianópolis — teve que ser internada no hospital universitário da Universidade de São Paulo.

Por ser um Hospital Universitário, os médicos deram aulas para os residentes usando o exemplo de Andrea. A meningite fez com que ela não conseguisse enxergar por um período, só ouvir. O médico chegou perto dela e falou para os estudantes: "Essa paciente tem meningite B, causada por uma bactéria. Ela pode ter uma seqüela e até morrer".

No começo de maio completaram-se três anos do seqüestro-relâmpago. Ninguém foi preso. Havia um suspeito mas Andrea ficou com medo de fazer o reconhecimento. A família pensa que a empresa de segurança do prédio estava ligada ao seqüestro. Nada foi provado. Andrea veio para Florianópolis para fugir da violência de São Paulo, mora em um bairro tranquilo e montou uma empresa. Há um mês a casa onde mora foi assaltada. Nada grave para seus padrões. O assaltante entrou, roubou e foi embora.

Maurício Frighetto



"Minha filha não tem o que você tem. Vou roubar e dar tudo para ela"

Demarcação provoca atentado em RO

Bomba em casa de professor reacende a disputa pelas terras em Raposa Serra do Sol

Às três horas da madrugada do dia 19 de abril, Dia do Índio, uma bomba do tipo "coquetel molotov" foi atirada contra a casa do professor universitário Fábio Almeida de Carvalho, em Boa Vista, capital do Estado de Roraima. A bomba atingiu a garagem da casa e provocou um princípio de incêndio no carro do professor. O episódio foi o ponto alto de uma disputa de mais de três décadas entre os interesses dos indígenas e dos fazendeiros e políticos da região. Os poderosos de Roraima não se conformaram com a recente decisão do governo, favorável aos indígenas quanto à demarcação de suas terras e tomaram como alvo o professor Carvalho, coordenador-geral do Insikiran, Núcleo de Formação Superior Indígena do curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Roraima. Com o ataque, as organizações indígenas e indigenistas decidiram cancelar as atividades comemorativas da Semana dos Povos Indígenas de Roraima. A questão é referente à homologação da reserva indígena Raposa Serra do Sol. Há cerca de dez anos, proprietários de fazendas de arroz invadiram ilegal-

Donos de terras ilegais querem índios ilhados. Governo e mídia local concordam

povos nativos da região. Tudo isso, apesar das acusações de que os donos das terras sejam grileiros, que degradam o meio ambiente e aliciam os índios para defender sua permanência na região.

Os próprios governantes da região discordam da decisão do governo federal. Ottomar Pinto (PTB), governador de Roraima, decretou em 19 de abril luto oficial de sete dias por causa da homologação de Raposa Serra do Sol. No decreto, Pinto questiona a Portaria 534, do Ministério da Justiça, que consolidou a reserva em área contínua. No entanto, apesar das reclamações dos políticos estaduais, Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça, anunciou algumas medidas consideradas compensatórias, como destinar 150

mil hectares de terra para implantação de pólos agropecuários e regularizar 10 mil propriedades familiares, que assim terão acesso a créditos do Programa Nacional de Agricultura Familiar - Pronaf. **Ameaças continuam**- Ao coquetel molotov atirado contra a casa do professor Fábio Carvalho, sucedeu-se uma série de telefonemas ameaçando suas duas filhas e sua mulher, grávida de oito meses, se ele não deixas-

Para militares, complô de ONGs põe em risco uma área rica em ouro

Além de provocar reações contrárias em fazendeiros e políticos de Roraima, a homologação da reserva Raposa Serra do Sol pode levar à primeira crise entre o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e as Forças Armadas. Em um relatório secreto enviado ao Gabinete de Segurança Institucional, a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) chegou a prever uma reação militar e alertou o governo que a homologação de 1,747 milhão de hectares numa faixa despovoada na fronteira do país é um risco à soberania nacional.

O coronel Gelio Augusto Barbosa Fregapani, que chefa o Grupo de Trabalho da Amazônia e está lotado na Abin, em Brasília, produziu o relatório que já previa, em março, as manifestações que sucederam a decisão do governo, como o seqüestro de quatro policiais federais, o bloqueio de rodovias dentro e fora da reserva e diversas manifestações em Boa Vista. Para os militares, as questões indigenistas e ambientais ocultam interesses estrangeiros sobre as riquezas da região. Ao decidir pela retirada dos produtores de arroz e das comunidades locais e optar pela demarcação contínua da reserva Raposa Serra do Sol, o governo federal estaria criando um vazio demográfico perigoso para uma área que, situada próxima às fronteiras do Brasil com a Venezuela e a Guiana, guarda em seu subsolo o maior veio de ouro do mundo, uma grande jazida de diamantes e uma grandeza incalculável de minerais estratégicos para o uso nuclear e das indústrias bélica, espacial e de informática.

Foto: Sampaio/AF



Conflito entre indígenas, fazendeiros e políticos gera medo, violência e preconceito contra povos nativos: Governador decreta luto em repúdio a homologação

mente territórios que já eram considerados áreas indígenas e lá se instalaram. Para eles, a demarcação das terras da reserva deveria ser feita sob a forma de ilhas, ocupando os espaços livres entre suas propriedades. O governo federal, no entanto, optou por demarcar as terras de forma contínua. A reserva indígena Raposa Serra do Sol ficou então com 1,74 milhão de hectares, onde habitam cerca de 15 mil índios, metade da população indígena do estado. O prazo de um ano foi dado aos fazendeiros para que se retirem da área. A medida do governo garante ainda indenização e local para reassentamento dos 565 habitantes dos três vilarejos situados na área indígena. **Ambiente tenso**- O cenário se tornou ainda mais pesado em Roraima porque os fazendeiros têm fortes relações com os políticos locais e os proprietários de veículos de comunicação. O professor chileno Maxim Repetto, coordenador pedagógico do Núcleo Insikiran, relata que insistentemente as emissoras de rádio e TV, e os jornais locais, na maioria propriedade de políticos e fazendeiros, tomam posições claras contra as questões indígenas e incitam o preconceito contra os

se o estado em três dias. O professor registrou a ocorrência na Polícia Civil ainda na manhã do dia 19 e recorreu à proteção da Polícia Federal para garantir a segurança da família, que foi transferida para outro local. Mas continuou cuidando das questões indígenas junto ao governo federal, em Brasília. O ataque agora tem um novo foco, segundo o professor Maxim Repetto. A aluna indígena que preside o Centro Acadêmico do curso de Licenciatura Intercultural e a Organização dos Professores Indígenas de Roraima vem recebendo telefonemas anônimos com ameaças de morte.

Em nota oficial de repúdio aos acontecimentos, a Universidade Federal de Roraima informou que prosseguem as atividades do Núcleo Insikiran e do curso de Licenciatura Intercultural, que trabalham para a formação superior de 120 professores indígenas da rede pública do estado e deve receber mais 60 alunos no segundo semestre de 2005. Além da Raposa Serra do Sol, outras seis terras indígenas foram homologadas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na semana do Dia do Índio.

riquezas minerais, o acesso aos recursos genéticos e aos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade da região, sem o devido controle governamental", adverte o coronel. As ONGs, que combateram a instalação de um Pelotão Especial de Fronteira na região, chegaram a bancar financeiramente o trabalho de demarcação das terras indígenas.

No relatório, as organizações são tratadas como "peças do grande jogo em que se empenham os países hegemônicos para manter e ampliar sua dominação", enfatiza. Estas ONGs teriam contribuído para a criação de extensas áreas indígenas, de proteção ambiental e corredores ecológicos que dificultam e inibem a aplicação de programas de políticas públicas para a região. Entre os principais movimentos, a Abin destaca o Fundo Mundial para a Natureza (WWF), que é orientado pelo príncipe Charles, do Reino Unido, e que teria entre seus dirigentes o banqueiro Joseph Safra.

Além das organizações, a influência estrangeira também estaria presente através de recursos. Conforme o relatório, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Igreja Católica, que luta pela autonomia dos povos indígenas, teria recebido, entre 1992 e 1994, US\$ 85 milhões da Fundação Nacional para a Democracia, dos Estados Unidos, mantida pelo governo e dirigida pelo Congresso americano.

Textos: Thiago Macedo

Autor de *Operação Araguaia* trata de um dos períodos mais sangrentos do país

Amparado nas descobertas da pesquisa que gerou o livro, Eumano Silva acusa militares de dificultar divulgação e aponta despreparo dos dois lados do conflito

Eumano Silva é um dos autores do livro *Operação Araguaia – Arquivos secretos da guerrilha* e um jornalista praticamente especializado no confronto ignorado pelas Forças Armadas Brasileiras. Já produziu várias reportagens sobre a Guerra do Araguaia e uma delas ganhou o Prêmio Esso de 2003, na categoria Regional Centro-Oeste. Atualmente trabalha no *Correio Braziliense* e concedeu da redação do jornal essa entrevista exclusiva.



Os autores: Eumano Silva e Tais Morais



ZERO- O que o livro traz de exclusivo sobre a guerrilha do Araguaia?
Eumano Silva- Ele traz vários documentos inéditos. É difícil resumir as exclusividades do livro, mas, para se ter uma idéia, pesquisamos mais de mil páginas de documentos. Alguns mostram o dia-a-dia dos guerrilheiros e dos integrantes do Exército, as operações e os nomes envolvidos. Destaco também uma lista de militares mortos que ainda era desconhecida, assim como vários depoimentos de guerrilheiros que ajudam a contar a história do episódio.
Z- É a vergonha que faz os militares não falarem sobre o episódio?
ES- Não sei se dá para tratar simplesmente como vergonha ou se é algo mais institucional. Uma coisa é guardar o segredo durante a guerrilha, porque por trás disso, havia a idéia de segurança nacional, o medo que a divulgação trouxesse novos adeptos. Agora as Forças Armadas se calam porque se trata de um período lotado de atrocidades que não é interessante para eles divulgarem.

Z- Por que existe tanta resistência em se revelar a verdade, justamente em um governo que tem muitos membros que fizeram parte da guerrilha?
ES- Também não se sabe efetivamente o que o exército tem guardado ainda, embora se

perceba por parte dos militares uma orientação de que aquele período é para ser esquecido e não para ser divulgado. O governo tenta lentamente reconstituir a história, mas tomou uma decisão clara de não enfrentar o Exército.

Z- Mas isso soa contraditório. O próprio José Genoíno (presidente nacional do PT) era um dos guerrilheiros.

ES- Não sei se é contraditório. Não dá para dizer, por exemplo, que o Genoíno não quer que se divulgue. Mas também não dá para saber também o que o governo poderia ter conseguido tendo tido uma outra postura. Agora, é claro que a sociedade, as pessoas que acompanham mais de perto, esperavam que o governo fosse um pouco mais incisivo na procura dessa documentação, o que até agora não aconteceu.

Z- O que falta saber sobre a guerrilha do Araguaia?
ES- Pra começar o Exército nunca divulgou nada. Oficialmente eles não têm nada, mas nada garante que o Serviço Secreto não

possua informações. A verdade é que tem muitas coisas que não se sabe, mas não dá para saber se elas estão documentadas. Os responsáveis pelas mortes dos guerrilheiros e os locais que eles foram enterrados são informações que não foram divulgadas, mas também não se sabe se elas existem. O mais provável que tenha acontecido é que eles não tinham interesse em registrar. Realmente não dá para saber. De qualquer maneira falta um pronunciamento oficial do Exército.

Z- Você acha que os guerrilheiros do PC do B representavam uma ameaça?
ES- É muito difícil para mim fazer esse tipo de julgamento, mas é preciso ver o contexto da época. O livro tenta mostrar que a guerrilha do Araguaia aconteceu em um mundo dividido pelo radicalismo do capitalismo e do comunismo. É difícil avaliar, mas aparentemente os guerrilheiros não representavam uma ameaça tão grande.
Z- Você conta episódios até patéticos sobre a atuação do Exército na guerrilha.

como quando um helicóptero estragou uma operação porque havia saído para buscar refrigerante para as tropas. Eles não pareciam tão preparados...

ES- A reconstituição mostra que tanto os guerrilheiros como os militares eram despreparados. Ninguém tinha um preparo militar para aquele combate. Alguns guerrilheiros foram para a China, mas como lá era inverno receberam um treinamento bem diferente do que encontraram no Brasil. Também é importante lembrar que os armamentos dos guerrilheiros eram muito precários. Por outro lado, os militares mandaram quase quatro mil homens, mas muitos deles eram recrutados sem nenhuma experiência, que nunca tinham sequer entrado em uma selva. Então, a situação dos dois lados era muito precária.

Z- Por que os guerrilheiros perderam?
ES- O número reduzido de guerrilheiros responde essa pergunta. Havia muito mais militares do que integrantes do PC do B. As chances dos guerrilheiros eram mínimas: tratava-se de um pequeno grupo contra as Forças Armadas Brasileiras.

Z- Qual a sua opinião sobre a exigência de indenizações feitas pelos militares?
ES- Eu prefiro não opinar, porque esse julgamento não cabe à mim. Não entro no lado dos militares, nem dos guerrilheiros na questão das indenizações, é um julgamento que cabe à legislação. Não quero julgar sozinho.



Chegada do exército no Araguaia, em setembro de 1972: imagens revelam momento obscuro da história brasileira



Militares encerram reunião do Estado Maior em Xambioá, em 1972, após discussão de estratégias de combate

D. AFRÉDIO PEREIRA, APOCALIPSE E PROFISSIONALISMO
 A região em que se fixaram os terroristas, além citada, faz parte dos municípios de CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, SÃO JOÃO DO ARAGUAIA e MARABÁ.
 A considerável distância das sedes dos municípios à zona em que se desenvolveram, fez com que os subversivos, de maneira furtiva, desviassem a fiscalização de INTEL, através do destacamento do município de MARABÁ, IMPERAVEL, ULLIUM e ARAGUAIA.
 É importante ressaltar as precárias condições em que o poder político se exercia na área, representado quase sempre por militares corruptos, incapazes e práticos, amonônicos, via de regra, sob a autoridade política, em princípio autônoma e irresponsável. Com também as freguesias locais em áreas improprias e mesmo corruptas, a serviço dos grandes proprietários, como um o caso de INTEL, cortesia de 3 QUILAS, 1130 do ex-PROFESSOR MARABÁ.

Pelos aspectos acima, sentiu o Comando de OZ a necessidade de enviar ao órgão de governo, responsável por aquela situação, um relatório lógico de se conseguir a situação, de acordo com a população local, a Previdência de INTEL, através do destacamento do município de MARABÁ, IMPERAVEL, ULLIUM e ARAGUAIA.
 O relatório, em nome do município, foi para a equipe do Serviço de Inteligência de 3 QUILAS, processo à situação pessoal de uma série de pessoas (proprietários locais).
 Com este ato, começou a ganhar a situação e o interesse da população, de onde tiramos, nossas ações, grande proveito no campo das informações.

Esta operação, "sem guerrilha" no nosso país, teve como falhas e seus ensinamentos, legados nos, porém, um saldo altamente positivo, em volume de informações e sentimento para o futuro. Aprenderam, e por dos trabalhos de informações em uma área de implantação de guerrilha rural, que a repressão militar, por si, o movimento subversivo, atenuada a população, mas não destruiu a vontade de subversão, um tempo conectará a população analfabeta e miserável daquela área, se, a por de mão - por, não foi realizado um trabalho honesto e eficiente dos órgãos de governo, responsáveis pela solução dos problemas existentes da área.

Documento secreto condena corruptos poderes locais



Companhia da Memória

Reportagem traz informações inéditas dos combates sangrentos

O capitão adjunto do Exército, Sebastião Rodrigues de Moura, em documento assinado na década de 70, exalta que uma operação militar ocorrida na fronteira com o Pará, Maranhão e Tocantins teve "um saldo altamente positivo, em volume de informações e ensinamentos para o futuro". Passados trinta anos, a operação tão produtiva emudece e envergonha os militares. Um silêncio que foi quebrado com o lançamento de um livro que conta, baseado em documentos inéditos, como foi sangrenta a guerrilha do Araguaia.

Operação Araguaia – Arquivos secretos da guerrilha (Graciosa Editorial, 636 páginas, 59 reais) revela como ocorreu um dos episódios mais obscuros do regime militar brasileiro, momento político que começou em 1964 com a queda de João Goulart e terminou apenas em 1984 quando Tancredo Neves venceu as eleições do Colégio Eleitoral. De março de 1972 até meados de 1976, integrantes do PC do B se instalaram nas selvas da região do Bico do Papagaio com o objetivo de iniciar uma revolução comunista que se alastrasse em todo o país, como aconteceu em Cuba. Para contar a história, o livro se divide em seis partes, além de um epílogo com fotos, biografia dos combatentes do PC do B, dos militares e dos sobreviventes.

Eumano Silva, jornalista do *Correio Braziliense* (ver entrevista), e Tais Morais, jornalista e pesquisadora, levaram três anos para organizar os documentos, entrevistar diversos militares que participaram da guerrilha



e reunir todas essas informações. O resultado é um livro rico em material inédito e de linguagem romancada. "Trágico, tenso, triste, que começa romântico, assume proporções épicas, e em dado momento nos enche de vergonha e perplexidade", classifica o editor Luiz Fernando Emediato.

A dupla de jornalistas se conheceu quando Tais Morais, na época estudante de Jornalismo, leu uma série de reportagens sobre os moradores do Araguaia escritas pelo veterano Eumano Silva. A estudante pretendia fazer um livro com documentos militares inéditos que possuía. "As entrevistas foram feitas por nós dois e os textos mais por mim. Tais localizou bons personagens, mas como era estudante de Jornalismo tinha uma experiência menor do que a minha", explica Eumano.

Apesar de ser o único que se baseia em documentos militares, o livro *Operação Araguaia* não é o primeiro que trata do este episódio. Quatro anos depois da guerrilha do Araguaia, o jornalista Fernando Portela foi ao local dos confrontos, produziu uma longa reportagem para o *Jornal da Tarde* e depois publicou *Guerra de guerrilhas no Brasil* - Editora Terceiro Nome, 317 páginas, 32 reais. Em *A ditadura escancarada* (segundo volume da série Ilusões armadas - Companhia das Letras, 507 páginas, 58 reais), Elio Gaspari reserva o último capítulo para o episódio. O título é sugestivo: "A floresta dos homens sem alma".

Textos: Bruno Moreschi

Para ex-combatentes, União deve indenizar soldados que lutaram

No início de maio, um grupo de ex-militares que combateram na guerrilha do Araguaia causou polêmica com um pedido de indenização contra a União por perdas sofridas entre 1972 e 1974. Eles entendem que a ação no Araguaia — em que pelo menos 61 militantes desapareceram — tem de ser vista como uma guerra e, por isso, comparam-se aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviados à Segunda Guerra Mundial.

O grupo de 80 ex-soldados do Exército é formado por civis que se alistaram no quartel do Exército de Marabá para o cumprimento de serviços militares obrigatórios. Eles atuaram em combates na cidade de Xambioá — hoje localizada no estado de Tocantins. Os ex-soldados pretendem fundar uma associação para defender os seus interesses. O movimento é liderado por Raimundo Antônio Ferreira de Melo, de 51 anos, que foi recrutado da turma de 1974.

Os oficiais-generais do Exército, da ativa e da reserva, repudiaram a proposta. Eles consideraram absurdo que os ex-soldados peçam algum tipo de indenização, por considerar que eles estavam "em combate, cumprindo missão". Segundo dados oficiais do Exército, o total de baixas militares durante o conflito foi de oito soldados.

O Ministério da Justiça afirma que pedidos de indenização por prejuízos físicos e psicológicos sofridos pelos ex-militares que participaram da Guerrilha do Araguaia deverão ser feitos à justiça comum. Segundo o MJ, apenas perseguidos políticos ou pessoas que tiveram prejuízos financeiros ou profissionais durante a ditadura militar são atendidos pela Comissão de Anistia ou têm seus direitos garantidos pela lei 10.559, de 13 de novembro de 2002.

Segundo João Luiz Duboc Pinaud, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e ex-presidente da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, do Ministério da Justiça, em um processo da na Justiça Comum, os ex-militares da guerrilha do Araguaia têm, "mais do que qualquer outro militar", direito às indenizações.

Francis França

IstoÉ ganha duas acusações de plágio

Segunda denúncia, só em 2005, ganha em *blogs* as discussões que faltaram na imprensa

Um jantar íntimo, com apenas seis pessoas, em que foram servidas generosas porções de espaguete à primavera e talharim à marinara. É assim que o correspondente Osmar Freitas Jr., da revista *IstoÉ* em Nova Iorque, caracteriza o ambiente em que supostamente entrevistou o cineasta americano Woody Allen. O caso, no entanto, começou a se tornar indigesto ao jornalista quando o *blogueiro* paulista Renato Parada descobriu outras cinco entrevistas publicadas anteriormente, que trazem algumas respostas idênticas às publicadas pelo semanário. Apesar de ter agitado a comunidade dos *blogs*, o segundo caso de plágio deste ano na revista *IstoÉ* não foi comentado por fontes oficiais.

A "estranha coincidência" começou quando o *blogueiro*, um aficionado de Woody Allen, leu a "exclusiva" na *IstoÉ* e lembrou de ter visto algumas respostas iguais em algum sítio americano. Era o *suicidegirls.com* que, com duas semanas de antecedência, publicou entrevista com o cineasta, na qual há duas respostas exatamente iguais às de Freitas Jr. Dois dias depois de muita repercussão em seu *blog*, até então bastante tranquilo, Parada colocou no ar outras quatro entrevistas publicadas em sítios americanos com a mesma "coincidência".

Os sítios *comingsoon.net*, *blackfilm.com* e *suicidegirls.com* informaram que suas entrevistas foram feitas durante coletivas do cineasta sobre o seu novo filme, *Melinda e Melinda*. Mesmo depois destas coletivas o cineasta, que "odeia dar entrevistas", teria concedido a "exclusiva" em um jantar organizado por um amigo em comum, na casa do próprio Allen, sustenta Freitas Jr.

O correspondente defendeu-se duas vezes por *e-mail* e depois se calou, não respondendo a entrevistas. Ele disse em sua defesa que nunca foi acusado de plágio e que "semelhanças de frases, sentenças e mesmo parágrafos acontecem em entrevistas". No mesmo *e-mail*, no entanto, ele reconhece que não se tratam de meras "semelhanças": "No caso de uma estupidez plagiadora, seria recomendável, pelo menos, mudar um pouco o teor de perguntas e respostas", protesta. Mesmo não tendo provas materiais de sua entrevista (o cineasta teria exigido que não fosse usado gravador durante as quatro horas do suposto jantar), Freitas Jr. afirma que há cinco testemunhas, não identificadas, que podem confirmar o encontro.

Mesmo gerando vários comentários em seu *blog*, o caso de plágio apontado por Parada repercutiu somente no ambiente virtual da Internet. A revista não respondeu a pedidos de esclarecimentos, o Sindicato de Jornalistas de São Paulo não tinha nenhuma informação a respeito e Osmar Freitas Jr. também se nega a conceder entrevistas, dando o caso "por encerrado" em seu último *e-mail* de defesa. Mesmo sem repercussão também nos principais sítios de crítica da mídia, como o Observatório da Imprensa ou o Comuniquê-se, o caso alvoroçou a comunidade de *blogs*, indignada com as "semelhanças". O *blogueiro* de apelido Delfin chegou a acusar Freitas Jr. de má-fé, porque "está na cara que a história não foi exatamente como ele pintou. Isso não é nem um pouco perdoável".

O jornalista Pedro Dória, do sítio No Mínimo, por outro lado, acredita que não se trata de plágio. "São tantos os lugares que publicaram entrevistas com vários conjuntos de pergunta e resposta iguais que mais parece ter sido uma entrevista distribuída pela assessoria de imprensa", ressalta.

Freitas Jr. afirmou ainda que, mesmo conhecendo a estrutura de um plágio, não a usou. "Não sou burro. Sabendo que a Internet está à disposição de milhões de pessoas, principalmente no Brasil, eu não iria copiar matéria postada na rede. Caso não houvesse entrevistado Allen, seria mais inteligente inventar uma conversa. A fórmula para o plágio é esta. Mas não a usei", garante.

Esse não foi o único caso recente de plágio envolvendo a revista *IstoÉ*. Em janeiro o jornalista Cláudio Tognolli acusou o semanário de plágio na matéria de capa *Eu prendi José Dirceu*, publicada na edição de 6 de janeiro. A entrevista com o agente da CIA que prendeu Dirceu teria sido feita em conjunto por Tognolli e Marcelo Rubens Paiva e publicada no caderno *Mais!* Do diário *Folha de São Paulo*, em 1998. Na ocasião da denúncia, a reação da Editora Três, responsável pela publicação da *IstoÉ*, foi a mesma do caso mais recente. Silêncio.

Marco Junqueira

As versões do *blog*, da revista e do repórter

Invariavelmente, eu mesmo tenho que digitar e isso me toma três dias

Suicidegirls.com, cbud.com, comingsoon.net, blackfilm.com, toledocitypaper.com: "I still lay down on the bed with a yellow pad and write it longhand. Invariably, I have to type it myself and that takes three days. I can write faster this way. I was taught to write on a typewriter, and I think it would be healthier for me to do it that way, because if you write on a typewriter you sort of act out the scene and you know it works. When you write on a pad, you're hearing it in your head, and you don't know that it works, but it goes so much faster. I just got into this bad habit and I've been doing it for years."

Acabo tendo de copiar tudo à máquina depois e isso toma uns três dias

IstoÉ: "Escrevo naqueles blocões de papel amarelo, a lápis ou à caneta. Escrevo deitado na minha cama. Acabo sempre tendo de copiar tudo à máquina depois e isso toma uns três dias. Eu provavelmente deveria escrever sempre à máquina, pois nesse caso você trabalha a cena ou ato e depois passa para o papel já sabendo como é que vai funcionar. Ao escrever à mão, você, na verdade, está ouvindo a cena em sua cabeça e não sabe se a coisa vai funcionar direito quando se tornar audível a todos. Mas escrever à mão para mim é muito mais rápido. Acabei me viciando nesse processo."

Allen respondeu igual aos dois repórteres. Ele copiou a mesma resposta

Explicação do repórter: "O modus operandi de artistas é uma curiosidade minha permanente. Em todas as entrevistas com atores, diretores, pintores, escultores, etc, faço a mesma pergunta. Como é seu processo de criação? E, em se tratando de um escritor, a questão ganha maior peso em minha balança. Afinal, ganho a vida com as palavras. Quero saber como as pessoas escrevem. Epstein, ao que parece, também gosta do assunto. E Allen respondeu igual aos dois entrevistadores. (...) O único plágio neste caso foi o auto-plágio: Woody copiou a mesma resposta. E isso, não é pecado."

Eu acho que pelo seu tamanho, ou por seu talento: ele é vulnerável

Suicidegirls.com, cbud.com, comingsoon.net, blackfilm.com, toledocitypaper.com: "First of all, he's so physically different. He's a big silly person and everyone including me has laughed at him in these broad ridiculous comedies. The question was, could he act and be believable. It turned out; I guess because of his size, his face or whatever talent he has, he's vulnerable. There's something sweet about him so your heart goes out to him. There were things in the script, the actual dialogue, that he couldn't do. Since I'm writing the dialogue, my tendency is to write it for myself even though I knew I'd never be playing it. But I write it instinctively for myself and I had to cut some lines and dialogue out of the thing because he couldn't do it. It never sounded funny when he did it. But there were things he did do that I could never imagine when I was writing it. Before I met him, I never could have imagined it for the script or the contributions he would make sort of built in to his ridiculous persona. The way he moved, there's something in the look of his face, it's intangible, but it's silly and sweet."

Ele é vulnerável, talvez pelo tamanho ou por um talento inato dentro dele

IstoÉ: Bem, em primeiro lugar, ele é fisicamente diferente. É um grandalhão simplório. O jeito como ele se movimenta, sua fisionomia e expressão têm algo de intangível, de ridículo e doce. Todo mundo ri de suas comédias ridículas - inclusive eu mesmo. A grande pergunta era: mas será que ele consegue interpretar outros papéis de forma convincente? Acontece que há algo de muito doce nele que ganha seu coração. Ele é vulnerável, talvez por seu tamanho e falta de jeito, pelas suas expressões ou por algum talento inato dentro dele, sei lá... Teve algumas coisas no roteiro - alguns diálogos - que ele não conseguia fazer. Quando eu escrevo um diálogo, minha tendência é fazer algo para mim, mesmo que eu saiba que não vou ser eu quem vai dizer aquelas frases. Mas eu escrevo instintivamente para mim mesmo e tive de cortar alguns diálogos ou frases porque Will não conseguia fazê-los direito. Não era ele. Não era engraçado quando ele falava. Em outros momentos, teve coisas que ele fez que eu nunca imaginei ao escrever. Antes de encontrá-lo pessoalmente, não imaginei aquelas situações. Ele contribuiu no roteiro de tal modo que acabou construindo um personagem ridículo, engraçado, especial.

Como todos, tem seu modo de falar e relata fatos de modo semelhante

Explicação do repórter: "A informação de que isto [preparo de um enredo sob medida para o ator Will Ferrel no filme *Melinda and Melinda*] havia acontecido fora divulgada no release do estúdio Fox-que distribuiu a obra. Não era segredo, não era original, mas era importante para se entender os conceitos que moveram o diretor Allen. Nada mais justo do que fazer a pergunta. E Woody respondeu. Falou do processo do mesmo modo, tanto a Epstein, quanto para mim. Tenho certeza de que se outro jornalista o entrevistou ou vier a a fazê-lo, terá exatamente a mesma resposta, com as mesmas palavras. Isto ocorre porque Allen - como qualquer um de nós - tem seu modo de falar, e relata acontecimentos de maneira semelhante - ou até com verbos, pronomes e advérbios repetidos."

Sinais de mau jornalismo em *Zero Hora*

Texto de Humberto Trezzi é semelhante ao publicado pela *Viagem e Turismo* em 2003

Uma acusação de plágio circulou nos bastidores jornalísticos da *web* no final de 2004. O jornalista Humberto Trezzi, repórter do diário porto-alegrense *Zero Hora*, é acusado de reproduzir, em matéria no caderno *Viagem*, parágrafos de reportagem publicada em junho de 2003 na revista *Viagem e Turismo*, da Editora Abril. O autor da matéria supostamente plagiada é o paulista Willians Barros, que expôs o caso em um artigo nada amigável no sítio Observatório da Imprensa.

A reportagem, intitulada *As missões paraguaias*, foi veiculada no ZH em 14 de dezembro do ano passado, e traz o relato de Trezzi sobre a sua viagem ao país vizinho. O material produzido pelo repórter ocupou a capa e três páginas internas do caderno. Em uma delas, há um quadro, explicando, em quatro parágrafos, a história das missões jesuíticas e sua destruição pelos exércitos coloniais.

Deste texto, pelo menos três parágrafos assemelham-se ao quadro *O céu na terra*, da reportagem *A grande utopia*, feita por Barros para a revista da Editora Abril. A estrutura e a seqüência lógica dos dois trechos das matérias são os mesmos. Há pelo menos uma frase idêntica, e outras duas com alterações de uma ou duas palavras — ver quadro. O jornalista Willians Barros conta que descobriu a existência da matéria casualmente, enquanto lia os jornais na biblioteca de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, estado em que mora há sete anos. Logo percebeu a identificação entre o texto que havia escrito há cerca de um ano e o do repórter gaúcho, e resolveu escrever-lhe cobrando explicações.

Justificativas- A resposta de Trezzi, através de correio eletrônico, foi sucinta: "Não li teu material e nem vi a revista". Segundo ele, as "fontes" usadas na reportagem foram diversos folhetos e material de divulgação recebidos de um guia turístico paraguaio, e também materiais recolhidos nas cidades por onde viajava. O jornalista paulista também questionou Altair Nobre, editor de Geral do ZH, que confirmou a informação, dizendo ainda que os folhetos recebidos pelo jornalista estavam todos em espanhol.

O jornal resolveu se manifestar, publicando uma nota de esclarecimento no caderno *Viagem*, duas semanas após a reportagem ter sido veiculada. O texto informava que trechos da matéria do dia 14 de dezembro tinham sido "baseados em material fornecido a jornalistas no Paraguai. Três parágrafos,



Barros não desiste e exige um "mea culpa honesto, do jornalista e do jornal"

contudo, haviam sido, na quase totalidade, publicados originalmente na revista *Viagem e Turismo*, em reportagem assinada por Willians Barros".

Barros acredita que a retratação do ZH não foi clara e teve como objetivo evitar uma possível ação na Justiça contra o repórter do jornal. "Serviu apenas para livrar a cara dele", acusa. A Editora Abril não interferiu na polêmica, e, de acordo com as informações de Barros, apenas o diretor de redação da revista *Viagem e Turismo* pediu uma retratação do jornal, diante de seguidas "investidas" de um preocupado ZH. A Lei de Direitos Autorais proíbe a reprodução na imprensa diária ou periódica, de notícia ou artigo informativo publicado em diários ou periódicos, sem a menção do nome do autor.

Insatisfeito com as explicações, ele desafiou Trezzi a apresentar os referidos folhetos que utilizou para escrever sua matéria. O jornalista, por sua vez, explicou que os materiais de divulgação já haviam sido expurgados da redação do jornal, devido ao tempo em que sua matéria ficou "na gaveta" até ser publicada — cerca de um mês.

Polêmica no uso do release- Além do artigo-denúncia de Barros publicado no Observatório da Imprensa, outra matéria sobre a acusação de plágio foi publicada no *Comunique-se*, e um debate acalorado formou-se no fórum do portal, com defensores e acusadores de ambos os lados. A direção do ZH decidiu se posicionar novamente, e enviou nota ao

sítio dizendo confiar nas informações fornecidas pelo jornalista Humberto Trezzi sobre a origem do texto. Ao final, esclareceu a posição do jornal em relação ao uso de material de divulgação: "Embora [...] não estimule a reprodução de releases, em parte ou na íntegra, o uso de informações ou trechos extraídos de material destinado à imprensa não está vedado".

Já o jornalista paulista, que também é colaborador das revistas *National Geographic* e *Terra*, condenou o uso de releases, garantindo que não faz uso desse tipo de recurso em suas reportagens. "Meu trabalho é de campo, de impressões, de aspas, de gente conversando, de ir aos lugares", justifica. As informações para o texto sobre as missões paraguaias foram obtidas, segundo ele, através da consulta a livros e entrevistas com historiadores e especialistas do Iphan. Para Barros, o ZH desrespeita o leitor, ao manter entre seus funcionários um repórter "que copia e admite que copia releases".

Perseguição- Ouvido pela reportagem, o repórter Humberto Trezzi, um dos jornalistas mais premiados do diário gaúcho, confirmou as explicações oferecidas a Barros: "não li a matéria, nem conhecia a revista em que ele trabalhou". Ele afirma desconhecer o trabalho do colaborador da Editora Abril, e que só publicou o que recebeu em material de divulgação. Questionado sobre a similitude do texto, Trezzi acredita na possibilidade do texto original de Barros ter sido usado, no Paraguai, pelas empresas turísticas que produziram o material divulgado. E não, não guardou nem tem notícias do paradeiro desses folhetos.

Conta também que é "perseguido" pelo mesmo repórter paulista há cerca de dois anos, quando começou a receber e-mails com críticas a seu trabalho no ZH. Barros confirma, explicando que apenas comentava algumas coberturas pontuais do gaúcho, que considerava parciais. Nunca obteve respostas. O jornalista do ZH também garante que não sofreu nenhum tipo de pressão dos seus editores ou da direção do diário por causa do episódio. A confiança na origem das informações publicadas na matéria foi irrestrita. Mas, segundo Trezzi, a polêmica acusação de plágio está prejudicando seu trabalho: "Não gosto de discutir meu trabalho publicamente e não gostaria de voltar à Internet como foco de maledicências", diz, pedindo discrição na cobertura do *Zero* e dando o caso como encerrado. Para o repórter supostamente plagiado, a história não terminou. "Exijo um *mea culpa* honesto, do jornalista e do jornal", insiste.

Marianna Aragão

Veja aqui a reprodução dos dois textos que estão no centro da polêmica de plágio no Rio Grande do Sul: o primeiro, de autoria do jornalista Willians Barros, publicado na revista *Viagem e Turismo*, em 2003, e o segundo, escrito pelo gaúcho Humberto Trezzi e veiculado no caderno *Viagem*, do diário *Zero Hora*, em dezembro do ano passado

O céu na terra

As missões tinham tudo para dar certo. As plantações eram coletivas; os lucros, divididos por igual. Sob o comando dos jesuítas, em pleno século 17, cerca de 130 mil índios guaranis criavam gado, plantavam arroz, trigo e exportavam erva-mate. Nas florestas do Novo Mundo, produziam-se harpas, violinos e esculturas. Boa parte iria parar nas academias de música e nas catedrais europeias. Os "selvagens" revelavam-se profissionais habilidosos: havia pintores, carpinteiros, alfaiates e até relojoeiros. Tinha tudo para dar certo. Mas não deu.

Com a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, foi celebrada uma permuta territorial: os portugueses entregaram a Colônia de Sacramento, às margens do Rio da Prata, aos espanhóis, e estes cederam aos primeiros os Sete Povos das Missões, no atual Rio Grande do Sul. Pelo acordo, índios e jesuítas deveriam abandonar suas povoações e ir viver do outro lado do Rio Uruguai, na atual Argentina, levando apenas seus bens móveis. A resistência dos guaranis provocou a ira das coroas. Os exércitos coloniais arrasaram todas as reduções. Tempos depois, os jesuítas foram expulsos da América, deixando os guaranis ao deus-dará. Foi o golpe de misericórdia nas prósperas e revolucionárias comunidades missionárias. Hoje, os escombros dessa experiência são considerados, pela Unesco, um dos quatro mais importantes destinos turísticos do planeta, junto com o Caminho da Seda, na Ásia, a Rota dos Escravos, na África, e o Mundo Maia, na América. (Willians Barros)

Fim da epopéia jesuítica ...

Tudo nas missões se chocava com o modelo semi-feudal em vigor na Europa. As plantações jesuíticas eram coletivas, com excedentes divididos por igual. Sob o comando dos jesuítas, a partir do século 18, cerca de 130 mil índios guaranis criavam gado, plantavam arroz, trigo e exportavam erva-mate. Produziam harpas, violinos e esculturas em plena floresta, parte delas destinadas às catedrais europeias. Entre os índios existiam pintores, carpinteiros, alfaiates e até relojoeiros.

O fim das missões começou com a assinatura do Tratado de Madri, em 1750. Portugal e Espanha celebraram uma permuta territorial: os portugueses entregaram a Colônia de Sacramento (hoje no Uruguai), às margens do Rio Prata, aos espanhóis. Estes abriram mão dos Sete Povos das Missões, no atual Rio Grande do Sul, para os lusitanos. Pelo acordo, índios e jesuítas deveriam abandonar suas povoações e ir viver do outro lado do Rio Uruguai, na atual Argentina, levando apenas seus bens móveis.

Para surpresa dos governantes, guaranis e jesuítas resistiram. Os exércitos coloniais arrasaram então todas as reduções, matando os índios e expulsando os jesuítas remanescentes. Foi um raro exemplo de cooperação entre Portugal e Espanha, rivais eternos. Foi um fim semelhante ao das civilizações pré-colombianas dos incas, astecas e maias. Não por acaso a Unesco considera as missões um dos quatro mais importantes destinos turísticos do planeta, junto com o Caminho da Seda, na Ásia, a Rota dos Escravos, na África, e o Mundo Maia, na América. (Humberto Trezzi)

Prêmio incentiva criações anti-mercado

Festival Internacional da Comunicação Radical quer subverter a lógica na publicidade

O Festival Internacional da Comunicação Radical, o Memefest 2005, está com inscrições abertas até o dia 20 de maio. Participam do concurso estudantes de comunicação, sociologia, artes visuais e *design* que desenvolvem trabalhos para contribuir com a contra-cultura. Com o slogan "Subverta, crie, curta!", o festival desafia neste ano os estudantes de graduação ou pós-graduação de comunicação ou sociologia a discutir a obra *Sem esconderijo* (*Nowhere to hide*), de Douglas Rushkoff, que examina as tentativas dos publicitários em persuadir todo tipo de consumidor.

No ano passado, os participantes deveriam responder a *Cyberwar está chegando*, um texto de 1993 que previa que no futuro os governos usariam a informação para o controle

da opinião-pública. Os estudantes de artes visuais devem responder à *Carta de Comunicação dos Povos*, o chamado "manifesto democrático" que lista as estratégias para consertar os erros e os preconceitos da violência tecnológica e da mídia. E mesmo quem não é estudante pode participar do festival. A categoria *Além* admite trabalhos de todas as áreas, escritos ou visuais, desde que seja inovador e desafie a comunicação de massa tradicional. Os vencedores terão os trabalhos publicados no sítio do Memefest e ganharão o Prêmio de Excelência do júri.

Meme- O nome do festival foi tirado das teorias de Memetismo do início da década de 70 e assimiladas depois por estudiosos como Douglas Rushkoff em seu livro *O vírus da Mídia*. De acordo com a teoria, meme é "uma idéia contagiosa que se replica como um vírus, passando de mente para mente. Memes funcionam da mesma maneira que os genes, propagam-se através de redes de comunicação e no contato cara-a-cara entre pessoas". A Memética baseia-se na teoria da evolução das espécies de Darwin ao conferir propriedades genéticas às informações que se replicam.

Criado em 2001 na Eslovênia, o Memefest funciona durante todo o ano como um fórum de discussão, dispondo em seu sítio na Internet um espaço para a discussão de idéias radicais de comunicação. Anualmente é lançado um texto ou imagem que serve de partida para críticas da mídia. Em seu quarto ano, o Memefest defende que há conhecimentos e talentos demais sendo desperdiçados em indústrias de publicidade, *marketing* e quer incentivar o contrário, a geração e replicação de idéias mais positivas e benéficas.

Emília Chagas



Rushkoff: Meme é uma idéia que se replica como um vírus

Peões conta história do sindicalismo do ABC paulista e surgimento de Lula

Antes mesmo de chegar às locadoras de filmes, o documentário *Peões*, de Eduardo Coutinho (Videofilmes, 2004) atraiu uma multidão de expectadores que teve de se ajeitar no chão, entre as filas de cadeiras. O longa brasileiro, exibido gratuitamente no auditório da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina fez parte da programação da 16ª edição do projeto *Cinema na favela* promovido pela *Nação Hip Hop* em parceria com a Cufa (Central Única das Favelas, criada no Rio de Janeiro pelo rapper MV Bill).

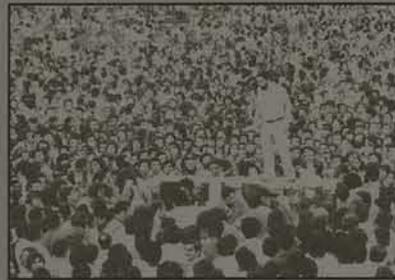
Junto com as exibições do documentário em comunidades carentes, escolas e universidades, a organização do *Cinema na favela* promoveu debates e coletivas com um dos personagens escolhidos por Coutinho para participar do filme. Januário Fernandes da Silva, filho de pedreiro com doméstica, desempregado há nove meses, viveu 29 anos de dedicação ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista. A história de Januário não é a única surpreendente retratada no filme. Entre os 21 personagens "anônimos" escolhidos por Coutinho há bravos, que têm em comum a mesma febre ou, como descreve a esposa de um deles, a mesma doença: o sindicalismo e a sede de mudança.

O grupo de militantes operários, hoje na maior parte aposentados, esteve presente nas grandes greves do ABC paulista nos anos de 1979 e 1980. Eduardo Coutinho, através de fotos e filmes da época – como *ABC da greve* de Leo Hirzman; *Linha de montagem* de Renato Tapajós e *Greve* de João Batista de Andrade – buscou encontrar personagens que viveram o tumulto em São Bernardo do Campo, mas que não se tornaram políticos ou personalidades conhecidas. E é assim, indo na casa dos ex-sindicalistas, apontando na tela da tevê quem ainda podia ser reconhecido – "Olha lá! Aquele lá de bigodinho é o Feijoada!" –, que surgem as estrelas deste documentário chocante. História de gente simples, que deixou o que tinha, e que embarca numa vida de peão na crescente São Paulo.

Marca registrada de Eduardo Coutinho, diretor de *Edifício Master*, *Babilônia 2000* e *Cabra marcado para morrer*, o filme mostra momentos de singularidade dos entrevistados em depoimentos que são interrompidos pelo próprio diretor ou por esposas, filhos e telefonemas de familiares. Os personagens em *Peões* são entrevistados nas salas ou cozinhas de suas casas. Têm sua privacidade invadida enquanto contam emocionados sua origem, participação no movimento grevista. O documentário, gravado meses antes da eleição à presidência da República de 2002, ganhou o Candango de Ouro de melhor filme, no Festival de Brasília e recebeu duas indicações ao Grande Prêmio Cinema Brasil nas categorias de melhor diretor e melhor documentário.

Movimento grevista- A crise das dívidas externa e interna brasileiras da década de 70 ecoou de forma dramática nos salários dos trabalhadores. Somada à superexploração, fez com que os operários atingissem o limite de esgotamento físico, o que os mobilizou na luta por melhores condições de vida e de trabalho. Os personagens do filme descrevem humilhações como chantagem, meses de batente sem uma única folga, abuso de mulheres pelos patrões, além de cicatrizes adquiridas em condições insalubres de trabalho.

Foi diante destas condições que surge o movimento sindical, que toma força na metade da década de 1970 com a eleição da di-



retoria encabeçada por Luiz Inácio Lula da Silva. Eleito em 1975 com 97,5% dos votos, representava mais de 140 mil trabalhadores. No início do mês, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC comemorou o aniversário de 30 anos de Lula como líder do movimento sindical. Nas imagens do documentário, ainda de cabelos escuros e já sem um dedo na mão esquerda, Lula que sempre aparece discursando com

um cigarro entre os dedos, tinha a aprovação da massa de operários.

Em 1979 eles decidem que era preciso parar. "Existe trabalho a ser feito, nas ruas, nos pontos de ônibus... Mas ninguém arreda o pé da porta das fábricas", gritava Lula em meio aos aplausos da enorme multidão de operários a quem se dirigia. Durante estes dias de greve, muita gente se feriu, muita gente foi demitida, filhos nasceram enquanto pais lutavam na porta das fábricas. Em 1980, depois de criar um fundo para a greve, os metalúrgicos páram por 41 dias.

Foi nessa paralisação, que o líder sindical ganhou reconhecimento e que em 1981 surge o Partido dos Trabalhadores. Referência para muitos dos operários que viveram a turbulência das greves do ABC, Lula foi citado como "pai" em vários depoimentos. "Ainda bem que tinha ele pra nos orientar", comenta um dos cearenses que foi pra São Paulo em busca de uma aposentadoria digna que permitisse seu retorno à terra natal.

Tribuna metalúrgica- Januário Fernandes, por exemplo, pode largar a vida de operário. Agarrou a oportunidade de se tornar um dirigente sindical e propôs que o movimento pagasse seus estudos em troca da dedicação ao sindicalismo. Estudou jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo e se tornou fotojornalista da *Tribuna Metalúrgica*.

O jornal, que hoje tem mais de 30 anos, a partir da 1981 passou a ser diário e atingiu uma tiragem de 60 mil exemplares. Durante 10 anos, Januário fotografou para o *Tribuna* com o olhar de quem já foi um operário. "Se colocar uma foto minha e de outro fotógrafo do lado, a minha vai conseguir captar melhor o sentido do movimento. Eu tenho olhar de quem já apanhou da polícia, de quem viu amigos apanhando do chefe. É diferente. Sou uma testemunha ocular", garante.

As pautas do *Tribuna Metalúrgica* não se rendiam apenas aos acontecimentos ligados ao movimento operário do ABC paulista. Conforme Januário, o jornal não era apenas sindical, mas também classista. Várias campanhas com que o jornal recebesse, em 1988, o prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos.

Quando perguntado se a febre e o fanatismo pelo movimento sindical ainda continuam os mesmos, o metalúrgico responde que sim. Januário explica que apesar de ainda ter que se brigar hoje em dia pelos mesmos

direitos que há 20 anos atrás - por papel higiênico nos banheiros das fábricas ou por abuso sofrido por mulheres - a classe se sente orgulhosa e vitoriosa pela conquista do Partido dos Trabalhadores. "O Lula é resultado de 50 anos de luta dos trabalhadores rurais, operários, metalúrgicos... não dá pra fazer em dois anos o que a classe dominante não fez em 500. Apesar de o governo não ter atendido a todas as expectativas, eu já comecei a fazer campanha pra reeleição", assegura.

Jaqueline Li



Filme mostra quem lutou no ABC e não virou personalidade

Consumo de mídia tradicional cai nos EUA

Americanos trocam CDs, jornal, revista, rádio e televisão por DVD, cinema e vídeo-game

Os consumidores americanos estão preocupando os donos das principais mídias dos Estados Unidos. Desde a virada do século vende-se cada vez menos CDs, ouve-se menos rádio, lê-se pouco jornais, livros e revistas e a audiência das emissoras de televisão cai a cada ano. Em contrapartida, os cinemas batem recordes de bilheteria, o consumo de DVDs e vídeo-games está nas alturas e jamais se viu tanta publicidade na *web*. Enquanto os hábitos de consumo dos americanos mudam, a mídia tradicional corre atrás do prejuízo.

A circulação de jornais nos Estados Unidos atingiu seu pico em 1987 e, desde então, a tiragem dos principais impressos não pára de cair. Os jornais diários tinham uma circulação de 62,8 milhões de exemplares em 1987, que em 1998 já havia caído para 56,2 milhões. A tiragem aos domingos alcançou 62,8 milhões de exemplares em 1990 e declinou a 60,1 milhões também em 1998. A queda só não é mais acelerada devido às intermináveis estratégias de comercialização das empresas em manter e angariar assinaturas.

A Associação de Jornais dos Estados Unidos (*Newspaper Association of America, NAA*) apurou que os diários possuem dois tipos de assinantes: 75% são leais e os 25% restantes são rotativos, normalmente cancelam suas assinaturas depois de receber o jornal por um tempo. A NAA recomenda às empresas que invistam neste último tipo de assinante para aumentar a circulação dos jornais, usando estratégias para identificar os futuros desistentes e incentivá-los a manter suas assinaturas. *The Orlando Sentinel*, da Flórida, é um dos jornais que segue a orientação. O *Sentinel* desenvolveu um sistema de circulação e comercialização para atrair novos leitores que poderia, no mínimo, ser chamado de insistente. As cerca de mil pessoas que se mudam para a área de abrangência da publicação todas as semanas são o principal alvo do setor comercial da empresa. De posse da lista telefônica, uma equipe faz ligações oferecendo duas semanas de jornais sem custos.

O primeiro exemplar gratuito é entregue em uma sacola colorida, com uma amostra grátis de café oferecida por uma loja local. Junto com o café vem também um cartão sugerindo a assinatura do jornal, com os preços de tabela. No mesmo dia, alguém da equipe liga para o novo morador para checar se a entrega do jornal foi feita de acordo com sua preferência. Depois de seis dias, o morador recebe junto com o jornal um guia de 40 páginas com informações sobre a região.

No oitavo dia de jornais gratuitos é entregue juntamente com o exemplar um cupom de um mercado que o morador pode trocar por itens de café da manhã, como ovos e bacon. No último dia, o *telemarketing* da empresa liga para checar a opinião do morador sobre o serviço e, aí sim, oferecer a assinatura. Se a resposta for "não", duas semanas depois o novo morador recebe um cupom para trocar por cinco dólares em mercadorias do mercado local. A promoção do *Sentinel* já resultou em 40% de conversão de novos assinantes entre os recém-chegados na região. A tiragem do jornal aumentou em mais de 2.700 exemplares em um ano.

Crise no rádio- Enquanto a crise na circulação estimula a criatividade dos donos de jornais, uma pesquisa da União Futuro da Música (*Future of Music Coalition*) aponta que é exatamente a imaginação que está faltando aos empresários das emissoras de rádio. A audiência das estações é a mais baixa dos últimos 27 anos. Segundo o relatório dos pesquisadores, o principal fator que leva os americanos a ouvirem menos rádio é a uniformidade na programação das diferentes emissoras, resultado da criação de poucas redes em um setor com muita concentração.

A pesquisa de opinião concluiu que os ouvintes querem mais rádios locais e incentivam ações que impeçam novas fusões de empresas. Também gostariam de ouvir menos propagandas, que aumentaram muito de duração nos últimos anos. A preferência é por programações mais longas e variadas, com menos intervalos comerciais e que incluam mais



Michael Agilino / Stock Photo

Depois de atingirem o pico de circulação no ano 2000, com 378 milhões de exemplares, as revistas voltaram a um nível de tiragem e circulação equivalente ao de dez anos atrás. Mas em 2004 os 363,1 milhões de exemplares são inclusive inferiores aos 363,5 milhões de 1994 (tabela).

Desde 2001, o cinema bate recordes anuais de bilheteria e inauguração de salas nos Estados Unidos. A venda de ingressos para os cinemas americanos arrecadou 9,6 bilhões de dólares em 2003. Até outubro de 2004, a arrecadação era de 7,4 bilhões de dólares no acumulado do ano, 3% a mais que no mesmo período em 2003. Com os americanos frequentando cada vez mais os cinemas, o número de salas também aumentou. Em 2003 foram construídos 871 novos cinemas no país. Outro sinal de que a indústria de entretenimento está aquecida é que os preços aumentam a cada ano e os espectadores continuam lotando as salas. Enquanto de 1990 a 1994 o ingresso aumentou cinco centavos (de 4,15 para 4,20 dólares), entre

1995 e 2003 o ticket encareceu cerca de 40%, indo de US\$ 4,35 para US\$ 6,03.

Mas muitos americanos se dividem entre o conforto das novas salas de cinema e o aconchego de suas casas. O aluguel e a venda de DVDs alcançou 21,2 bilhões de dólares em 2004, conforme relatório do *Digital Entertainment Group*. Ao longo do ano, 4 bilhões de DVDs foram enviados às lojas e as vendas aumentaram 33% em comparação com 2003.

Em 2004 foram vendidos 37 milhões de aparelhos de DVD, o que aumentou para 70 milhões o número de casas nos Estados Unidos que o possuem – e 45% delas possuem mais de um equipamento. Os fabricantes querem que até o fim deste ano 80% dos lares do país tenham um aparelho de DVD.

Com a indústria de entretenimento em alta, o mercado de videogames também aumentou. De acordo com a *NPD Funworld*, empresa que realiza pesquisas de mercado, as vendas de aparelhos de vídeo-games renderam cerca de 10 bilhões de dólares em 2004. As vendas de mini-games e jogos para *palmtops* tiveram um incremento de US\$ 100 milhões, alcançando US\$ 1 bilhão no ano passado. Os jogos de computador arrecadaram sozinhos US\$ 700 milhões entre janeiro e novembro de 2004.

Ainda que a Internet não seja a substituta definitiva dos meios impressos, como se apostou há dez anos, essa nova mídia tem aumentado sua participação no mercado publicitário que antes era de jornais, revistas, rádios e TVs. Na previsão de gastos publicitários feita anualmente por Jack Myers, a propaganda *on-line* surge em 2005 30% maior do que em 2004. Myers projeta que a publicidade em geral irá crescer modestos 4,8%. Apesar de apresentar crescimento muito acima da média geral, a propaganda *on-line* terá 5,3% de participação em todo o bolo publicitário.

Uma espécie de consolo para a mídia tradicional é que parte desse aumento da publicidade da *web* também se dirige aos sites de empresas como ESPN, *Wall Street Journal*, *The New York Times*, além de tevês e jornais do interior. "Os *websites* das companhias de mídia tradicionais obterão grandes benefícios com esse aumento", diz Jack Myers.

Novos hábitos- A crise da mídia tradicional nos Estados Unidos e a ascensão de meios digitais apontam para uma mudança no comportamento dos consumidores americanos. Dados do relatório *Communications Industry Forecast & Report* indicam que os americanos pagam cada vez mais por conteúdo personalizado, na Internet, nas tevês por assinatura, com os DVDs, videogames e outras mídias digitais, em prejuízo dos meios convencionais.

A informação e o entretenimento customizados tomam não só mais dinheiro dos consumidores como mais tempo também. A previsão é de que até 2008 cada pessoa gaste mil dólares e 1.598 horas todos os anos com essas plataformas. Assim, segundo o relatório, a adaptação a essas mudanças deverá exigir alterações profundas no modelo de negócio das empresas de mídia nos próximos anos.

músicas de artistas locais. Em resumo, o que os ouvintes não querem é mudar a estação de rádio e ter a impressão de estar sempre ouvindo os mesmos programas.

A situação atual das rádios nos Estados Unidos é o oposto do que os ouvintes querem. Duas empresas principais, a Clear Channel e a Viacom, controlam 42% da audiência e 45% da renda. No total, dez empresas controlam dois terços do mercado americano de rádio. A regulamentação das telecomunicações, feita em 1996 através do Telecommunications Act, incentivou a fusão de empresas e a venda das rádios locais para as grandes companhias. Desde 1996, a Clear Channel aumentou sua abrangência de 40 estações para 1.240 – 30 vezes mais do que o permitido pela nova regulamentação. Outro resultado é que quatro empresas familiares passaram a produzir dois terços de todos os rádio-jornais veiculados nos Estados Unidos.

TV e revista perdem- O problema das emissoras de televisão é o inverso: a pulverização da audiência e, conseqüentemente, das verbas de publicidade – ver gráfico. Em 1985, a audiência das principais redes de televisão concentrava-se em 75%, enquanto menos que 55% dos lares americanos possuíam TV por assinatura, via cabo ou satélite. Em 2004, as redes de televisão detiveram uma média de 35% da audiência e já é de 95% o número de casas nos Estados Unidos que possuem TV por assinatura.

A circulação das revistas regride a passos mais lentos.

Circulação de revistas nos EUA 1970 a 2004

Ano	Assinaturas	Unitários	Total
1970	174.504.070	70.231.003	244.735.073
1975	166.048.037	83.935.424	249.983.461
1980	189.846.505	90.895.454	280.741.959
1985	242.810.339	81.076.776	323.887.115
1990	292.444.099	73.667.773	366.111.872
1991	292.852.615	71.894.865	364.747.479
1992	291.613.749	70.694.310	362.308.059
1993	294.905.373	69.418.673	364.324.046
1994	295.648.763	67.917.148	363.565.911
1995	299.050.282	65.846.048	364.896.329
1996	299.532.710	65.984.883	365.517.593
1997	301.244.640	66.133.817	367.378.457
1998	303.348.603	63.724.643	367.073.246
1999	310.074.081	62.041.749	372.115.830
2000	318.678.718	60.240.260	378.918.978
2001	305.259.583	56.096.430	361.356.013
2002	305.438.345	52.932.601	358.370.946
2003	301.800.237	50.800.854	352.601.091
2004	311.818.667	51.317.183	363.135.850

Fonte: Magazine Publishers of America

Emília Chagas

Realidade da favela em debate na Ilha

Autores de *Cabeça de Porco* lotam Convivência ao discutir temas como crime e drogas

DISCOS

Alternativos



O catarinense Wado ressurge



Wado e Realismo Fantástico - A farsa do samba nublado (outros discos)

Esse grupo se apresentou ano passado em Floripa, numa das edições do Projeto Pixinguinha, e quem pôde assistir com certeza se surpreendeu com o som dos moços. Wado é catarinense, mas cresceu em Maceió. Tem três discos lançados, todos bastante elogiados pela crítica especializada. Sua

banda, Realismo Fantástico, composta por Thiago, paulista, Alvinho, mato-grossense radicado em Alagoas e Soffiatti, curitibano radicado em São Paulo. As canções são na maioria de autoria de Alvinho e Wado, mas há também músicas de Luis Capucho, Suely Mesquita, Mestre Verdelinho, Oito e Marcelo Cabral. Funk, samba-rock, e flertes com o rock'n'roll e com o som do Clube da Esquina.

Contato: www.wadoealismiinfantastico.com.br



Cadão Volpato - Tudo que eu quero dizer tem que ser no ouvido (Outros Discos)

Cadão Volpato lança seu primeiro trabalho solo, somente com composições próprias. Entre as inspirações, *Chelsea girl*, disco de 1966 de Nico - cantora do Velvet Underground. Somente voz (intimista) e guitarra (suave e dissonante) em baladas com letras bem sacadas. Referências da saudosa

banda paulistana Fellini, do Funziona Senza Vapore (dos quais Cadão fez parte) e ainda The Gilbertos (banda-de-um-homem-só de Thomas Pappou, também ex-Fellini) estão muito presentes.

Contato: www.outrosdiscos.com.br



Ana Salvagni - Avarandado (independente)

A afinadíssima cantora Ana Salvagni lança seu segundo disco, seis anos depois de seu primeiro trabalho. Nota-se uma intensa pesquisa sobre a música popular brasileira, em seus diversos segmentos e épocas. O repertório passeia pelas décadas de 30 a 70, e traz versões delicadas de canções e sambas que foram pouco visitados ao longo de todo este tempo. Pontos fortes são as

releituras de *Das rosas* (Dorival Caymmi); *Você tem açúcar* (Roberto Martins e Osvaldo Santiago); e para as de domínio público *Maricota*, de São Paulo; *Beira-Mar dos canoeiros*, de Minas Gerais, e *Roda de ciranda* (Essa ciranda quem me deu foi Lia...), de Pernambuco.

Contato: anasalvagni@kweb.com.br



Mestre Kenura - Água de menino (independente)

Mestre Kenura, nascido em Itabuna-BA e radicado em São Paulo, fundou e dirige desde 1993 o Grupo de Capoeira Água de Menino, que dá nome a seu primeiro disco. O grupo dedica-se, além da capoeira, à pesquisa e à prática de danças populares brasileiras. Samba-de-roda gostoso,

com direito a maculelê, puxada-de-rede e capoeira da antiga. Em Samba-de-Roda, a participação marcante de Dinho Nascimento no berimbau. Todos os hinos, com exceção de um domínio público, são de autoria do próprio mestre, cujo canto lembra em muitos momentos Dorival Caymmi. Um disco pra quem gosta.

Contato: www.tratore.com.br



Jumbo Elektro - Freak to meet you/ The very best of... (Reco-Head)

New Wave, *punk* nervoso e *britpop* com muito bom humor, nostalgia e nonsense. Isso é o Jumbo Elektro, uma banda com sete integrantes que abusa do "embromation" em inglês, francês e até japonês - passando pelo portunhol (é claro) - pra retratar tipos humanos nada convencionais. Fortes

influências dos B-52's, Iggy Pop, Ramones e Serge Gainsbourg, além de pitadas de Kraftwerk e Mutantes. Pérolas como *Bossa Japa nova*, *Adelaide Moulin*, *Freak to meet you*, *Soy motoboy*, *Fresh fruit for rocking vegetables*, *She has a penis* e a versão *eletropunk* de *T.V. eye*, dos Stooges. Pra dançar sem parar!

Contato: www.jumboelektro.com.br

Alexandre Montenegro

Junto com a apresentação de *Peões*, a 16ª edição do Projeto Cinema na Favela - organizada pela Nação Hip Hop em parceria com a Central Única das Favelas (Cufa) - promoveu o lançamento e alguns debates com os autores do livro *Cabeça de porco*. A venda por R\$ 33 na entrada do auditório onde seria exibido o documentário de Eduardo Coutinho, o sucesso do livro surpreendeu até mesmo aos autores que não esperavam vender tantos exemplares na primeira noite em Florianópolis.

O fato é que a dobradinha deu certo. Jovens de todas as cores fizeram questão de se ajeitar até mesmo no chão para não perder a oportunidade de conferir o longa brasileiro e também, de conhecer de perto o rapper negro que recebeu em 2003 o título de Cidadão do Mundo, conferido pela ONU.

MV Bill, um dos autores de *Cabeça de porco*, roubou a cena durante a coletiva à imprensa à tarde, e também no debate à noite em que os jovens ficaram para conferir até o fim. Januário Fernandes, um dos personagens de *Peões* convidado para participar do ciclo de mostras desta edição, confessou durante a coletiva que "quando crescer quero ser que nem esse negrão!".

O livro (Editora Objetiva, 2005) é resultado de trabalhos de pesquisa que MV Bill e Celso Athayde encabeçaram há oito anos em comunidades carentes de algumas capitais brasileiras. A iniciativa surgiu com o programa de *rap* que Bill apresentava na TV e, com uma câmera, ele e Athayde buscaram explicações para a temática violência, drogas e juventude, que de acordo com Bill é uma constante nas letras de *rap* de norte a sul do país.

Na época, a dupla sofreu um processo por apologia às drogas e as entrevistas e depoimentos capturados foram arquivados. Até que surge a terceira cabeça para a realização deste projeto: Luiz Eduardo Soares.

O antropólogo não se criou na favela como Bill e Athayde, mas tem um histórico de dedicação ao assunto. Soares foi subsecretário de Segurança Pública e coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do governo do Rio de Janeiro, além de secretário nacional de Segurança Pública do governo Lula em 2003.

O especialista, nesses anos de dedicação a questões ligadas a criminalidade juvenil e ao tráfico de drogas, também reuniu um rico material que tinha o mesmo propósito da dupla: apresentar o Brasil ao Brasil. De acordo com os autores, o livro não fala de morte nem de crime apenas, e sim de alternativas de construção coletiva.

Nascidos em favelas do Rio de Janeiro, MV Bill que mora até hoje em Cidade de Deus e Celso Athayde que foi criado na favela do Sapó, engordam o livro com passagens autobiográficas da infância simples e difícil. O tema central do livro con-



Trio de autores: MV Bill (primeiro plano), Soares (de óculos), Celso Athayde



Soares: "o déficit de homens jovens no Brasil é igual ao de países em guerra"

tado por testemunhos biográficos e situações encaradas por quem vive no morro é o da invisibilidade social. Sob este ângulo, o mestre em antropologia e doutor em ciência política Luiz Eduardo Soares discursa um capítulo inteiro para justificar parte da violência em que vivem e que cometem, os jovens de comunidades carentes.

"Estamos à beira de um genocídio" alerta o especialista. De acordo com os números enfatizados por Soares, existe um déficit populacional no número de homens jovens equivalente a países que vivem em situação de guerra. Todos os anos no Brasil, 45 mil pessoas morrem vítimas de homicídio doloso. São 27 vítimas por 100 mil habitantes. Se consideradas as variáveis idade e sexo, o número aumenta para quase 100 vítimas por 100 mil habitantes na faixa dos 15 a 24 anos do sexo masculino. Em algumas comunidades do Rio, os números chegam a 230 jovens mortos por cada 100 mil habitantes.

Em trechos sensacionais cheios de mistério, medo e aventura, histórias cinematográficas e perfis muito parecidos surgem em diferentes partes do país: Belém, Paraíba, Aracaju, Curitiba, Joinville, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Histórias de corrupção policial, de envolvimento precoce no tráfico para garantir o "sustento" da família, são representados por situações reais descritas por Bill e Athayde, e que não são novidade. Pegam carona no filão de obras que abordam esta temática como os filmes *Estação Carandiru*, *Cidade de Deus*, e o célebre livro *Abusado* do jornalista e escritor Caco Barcellos.

Jaqueline Li

Baleiro assume esquizofrenia musical

Cantor fala sobre a crítica, seu próximo disco e projeto de CD duplo que saem em julho

Zeca Baleiro é compositor ousado, provocador, que inova na mistura de ritmos e gêneros. Sua música não se encaixa em nenhum rótulo, é "esquizofrênica" como ele mesmo define. Aos 39 anos e com quatro discos gravados, Baleiro começou a carreira em 1991, quando deixou o Maranhão e foi morar em São Paulo. Desde então ele não pára. Em julho vai lançar seu novo trabalho — "mais homogêneo" — com músicas para ouvir na estrada. O disco *Baladas do asfalto* vem junto com outro projeto, o lançamento do selo Saravá Discos, que traz dois CDs, um deles com poemas musicados de Hilda Hilst e outro com canções do compositor capixaba Sérgio Sampaio. A voz doce esconde por pouco tempo o turbilhão de sentimentos e indignação com o mundo dos "viralatas", das "modelos magrelas" e dos "falsos rappers". O "fogo interno" desse músico inquieto não é de fácil disfarce, e aparece nas entrelinhas desta entrevista, concedida minutos antes do show realizado em Florianópolis no dia 12 de março.

Z- Você fez faculdade de Agronomia e de Jornalismo no Maranhão. Por que largou os dois cursos?

Zeca Baleiro— Eu larguei porque estava envolvido com música, ainda que de forma amadora. Tentei fazer Agronomia um pouco por aquela pressão familiar, eu tinha outros irmãos que eram universitários, acho que quase todos se formaram, menos eu. E eu fui mais movido por isso do que por convicção. Eu tentei Jornalismo numa primeira vez e não passei, fui numa outra universidade procurar um curso mais técnico e acabei fazendo Agronomia, que era o que mais me agradava. Mas o curso era um desastre e eu fui atrás de uma poesia que não existia. Depois entrei em Jornalismo e larguei quando uns amigos foram para Belo Horizonte e começaram a se envolver com música, me chamaram e eu que estava meio desiludido, fazendo só por fazer, fui pra lá e larguei tudo. Mas apesar de não ter me formado, a universidade foi muito importante pra mim. Até pra minha música, porque foi lá que eu comecei a me desinibir e a ser incentivado pelas pessoas. Conheci muita literatura também, por exemplo a poesia *beat*, que pra mim foi uma das maiores referências.

Z- Quando e como você foi pra São Paulo e resolveu assumir a música?

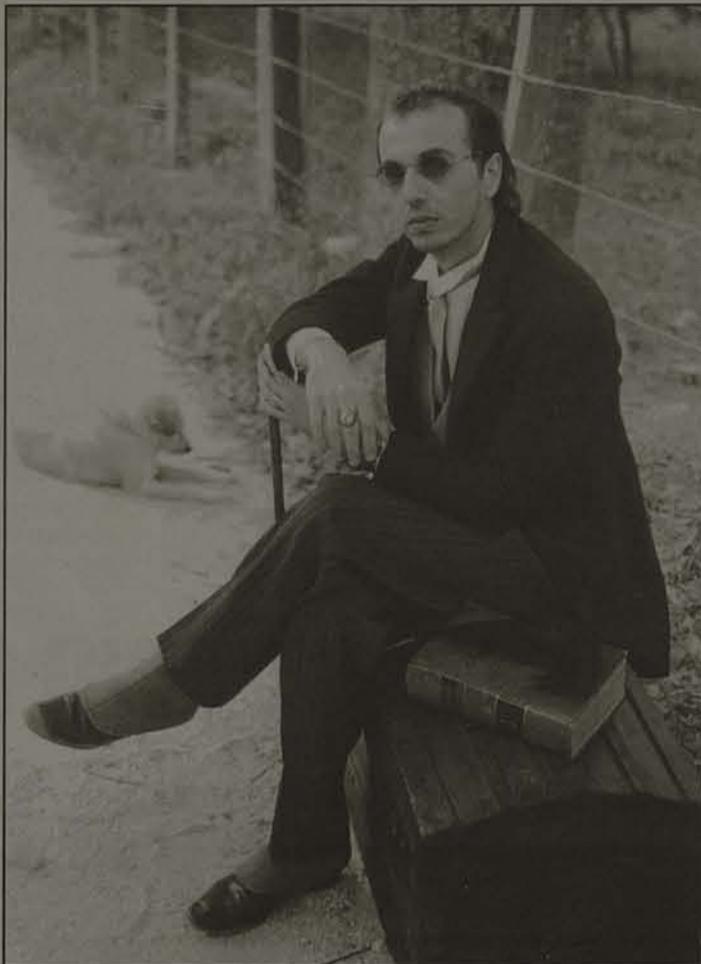
ZB— Fui para São Paulo em 1991. Na verdade eu já havia morado um ano, mais ou menos, em Belo Horizonte. Aí voltei a São Luís, abri uma loja de doces, que foi quando eu recebi definitivamente o apelido de Baleiro e depois fui pra São Paulo. Mas eu não fui atrás nem do sucesso, nem de glória, nem de coisa nenhuma. Eu fui estudar, aprender, eu fui pra sair de São Luís. Mais do que ir pra São Paulo eu estava saindo de São Luís, porque era uma cidade com horizontes muito limitados profissionalmente.

Z- Por você ter a característica de mistura, tanto melódica como poética, é um compositor complexo, difícil de classificar. Isso atrapalha seu trabalho em algum aspecto?

ZB— Atrapalhou bastante no início já que hoje as pessoas são muito especialistas e eu sempre gostei da diversidade, da diferença. Eu, talvez por ter ouvido muito rádio na infância e adolescência, criei esse gosto pela diversidade da música e tento explorar isso naturalmente. Não é pesquisa, não, tipo "agora vou fazer um samba, agora vou fazer um rock". É espontâneo porque eu ouvi e tenho essa informação em mim. Mas no começo foi um ponto negativo porque acontecia uma coisa muito engraçada: a gravadora mandava para a rádio determinada música, por exemplo *Heavy metal do Senhor*. Aí a rádio rock não queria tocar porque dizia que não era rock. Mandava para a rádio de MPB, que falava para mandar para a rádio rock porque era muito pesado pra lá. Com o *Samba do approach* aconteceu a mesma coisa: as rádios de samba não tocavam porque não era samba. Aí as rádios de MPB também não tocavam porque era samba. Então essa esquizofrenia atrapalhou no começo. Hoje isso é quase um trunfo, as pessoas vêm ao show em busca disso, dessa diversidade.

Z- Você acredita que seu trabalho tenha alma de repórter em função das histórias que você conta em suas composições?

ZB— Eu acho que a canção tem um pouco essa função. O compositor é uma espécie de cronista, né. Se você for pegar a história da música popular, não só da brasileira, mas da música universal, o Bob Dylan é um cronista, Noel Rosa, Chico Buarque. São histórias sendo relatadas com poesia. São histórias do cotidiano, histórias de amor, de sexo, com teor social. Talvez hoje a gente tenha perdido um pouco isso nesses tempos atuais, mas eu prezo muito esse caráter de ler uma



Literatura e poesia beat foram referências para o cantor maranhense

nota no jornal e a partir daí fazer uma música.

Z- Em sua música *As meninas dos Jardins*, do disco *Pet shop - Mundo cão*, você faz uma crítica até sarcástica das contradições de São Paulo. Qual a sua relação com a cidade?

ZB— Amor e ódio. Embora eu seja um paulistano de adoção, acho que é normal que você tenha com a cidade que você mora uma relação de confronto. Na minha cidade eu já tinha isso, apesar de eu amar a cidade, ter uma grande devoção por muita coisa, pela cultura, pela música, eu me confrontava muito com os vícios que a cidade tinha, os vícios políticos especialmente. E com São Paulo não é diferente, eu amo aquela diversidade, tenho um certo fascínio por aquela coisa cosmopolita, mas tenho birra porque falta jogo de cintura no paulistano. Ao mesmo tempo a cidade te dá umas coisas formidáveis, uns acessos fantásticos. O meu disco mais paulistano talvez seja o *Pet shop - Mundo cão* e *As meninas dos Jardins* é certamente uma crônica do meu olhar sobre a cidade.

Z- Em *Pet shop - Mundo cão* você, praticamente, defende a tese de que o mundo é mesmo dos "viralatas". Como você acha que o governo trata seus "viralatas"?

ZB— Cada vez mais como viralatas. Na verdade eu dedico o show, que até virou DVD, a todos os viralatas do planeta. Viralatas, um pouco no sentido de excluídos, mas não só no sentido social. Não os pobres, apenas. Excluídos da grande engrenagem, gente que pensa de maneira própria, gente que tem um calor diferente, um fogo interno, uma forma de pensar e tal. Na verdade esses são os estranhos, né, as pessoas meio inadequadas com o grande mundo, esses são os viralatas. O governo trata os viralatas como viralatas, como não poderia deixar de ser.

Z- No encarte você conta que havia jurado que dessa vez faria um trabalho homogêneo, sem síndrome de múltipla personalidade, mas que não conseguiu. Você ainda vai insistir?

ZB— Vou, esse meu próximo disco será bem sintético. Acho que eu vou conseguir. Até porque os meus discos são assim muito por ansiedade. Eu fiquei muito tempo compondo sem ter possibilidade de gravar. Componho desde 1984 e fui gravar meu primeiro disco só em 1996. Quando eu cheguei pra gravar, já tinha mais de 300 canções compostas. Nem todas boas, obviamente, mas eram canções com começo, meio e fim. Então havia uma ansiedade grande pra mostrar tudo o que eu queria e o espaço de um disco é um tempo muito reduzido, apesar de ser maior do que um LP. Você não pode chapar o público de informação. Então meus dois primeiros

CDs, especialmente, são muito ansiosos nesse sentido, eu queria mostrar de tudo: "olha gente, eu sei fazer isso e sei fazer aquilo", então tinha samba, rock, etc. O meu primeiro disco foi muito premiado e em cada prêmio ele concorria em uma categoria, MPB, rock, pop rock, isso tudo dificulta a leitura e compreensão das pessoas. Esse próximo disco vai ser o disco mais fechado em termos de conceito. Acho que vai ser o disco mais conciso da minha carreira.

Z- Seus álbuns têm uma característica de diálogo com o público. No *Líricas*, por exemplo, você explica como cada música surgiu. Por que existe essa necessidade de explicar seu trabalho?

ZB— Não é necessidade de explicar, até porque muita coisa não tem explicação. No caso do *Líricas*, como era um disco muito íntimo, confessional, uma espécie de diário sentimental, eu achei gracioso dar a pista de como cada música surgiu. A leitura de cada música fica a critério de cada um. Mas eu acho bacana esse tipo de coisa, as pessoas chamam de bula, como se fosse um pecado explicar as coisas nesses tempos modernos. Eu vejo muita gente que após o show vem me perguntar coisas assim, as pessoas têm curiosidade. Acho que não tem que entregar tudo, não. Existem mistérios que são seus mesmo e têm alguns que você, se pudesse, nem conseguiria explicar. Sobre a música *Heavy metal do Senhor*, por exemplo, o que eu já ouvi de interpretação... Uma vez um garoto chegou depois de um show e falou assim: "Pô, aquela música é demais, gostei, você coloca Deus no seu lugar, porque Deus é que é mau, o diabo é bom". E eu falei, "não, mas eu não quis dizer isso". Então quando você faz uma música, um poema, qualquer coisa, você não tem poder sobre a interpretação alheia. Cada um lê a partir das próprias referências que tem.

Z- Você acha que a crítica musical compreende seu trabalho?

ZB— Olha, às vezes sim, às vezes não. Eu sempre falo que a crítica é um mal necessário, ela pode até ser positiva. Algumas críticas que eu li muito negativas sobre o meu trabalho me fizeram pensar, ao passo que uma crítica elogiosa é mais uma crítica elogiosa, com o tempo se banaliza. Porque quando você é criticado, isso toca no seu brio. E o elogio você absorve de forma quase inofensiva, não dói, não cheira, não fede. O que eu acho, é que no Brasil, especialmente, a crítica musical é muito irresponsável, é muito leviana, sabe, "Não vi, não gostei", é meio assim. E também tem uma coisa muito provinciana na nossa crítica, por exemplo, aparece uma bandinha escocesa de terceira categoria: "Ah, é o máximo, é o melhor", entendeu? E aí um artista respeitado de mais de 20 anos de carreira às vezes é enxovalhado pelos críticos brasileiros. Há poucos críticos sérios no Brasil. Agora se a crítica compreende ou não eu não estou nem um pouco interessado. Porque eu não faço pra eles, eu faço para o mundo. Quem tiver alma que goste. E, além disso, atrelada ao próprio ofício da música popular há uma idéia de mercado. Ninguém faz música popular para não vender discos, não acredito nisso, e a crítica tem uma birra com isso, com esse caráter comercial que existe em toda obra de arte. Picasso era comercial, ele não fazia as obras para mofarem num museu, ele fazia pra vender, inclusive foi rico, né. E não há pecado em comercializar o seu trabalho, desde que ele seja feito com honestidade. E a crítica tem uma birra. De antemão ela vê com maus olhos um trabalho que venda. Meus três primeiros discos venderam bem, tanto que foram discos de ouro. Isso por si só já coloca a crítica com o pé atrás.

Z- Fale sobre o seu próximo trabalho.

ZB— Esse CD foi o primeiro que não partiu de mim a idéia. No meio do ano passado, dois amigos produtores me propuseram fazer uma pré-produção, e se ficasse boa nós levaríamos adiante e faríamos um disco. Achei interessante, porque, na época, eu estava bem ocupado, fazendo shows e gravando dois discos, que agora finalmente vou concluir. Um deles é um CD de poemas da Hilda Hilst que eu musiquei, com a participação de 10 cantoras que, se possível, sairá na data de aniversário da Hilda, dia 21 de abril, e será lançado na Casa do Sol, onde ela morava, em Campinas. O outro é um disco póstumo de um compositor capixaba, Sérgio Sampaio, que morreu em 1994. Como eu gostava muito dele e fiquei amigo da família, eles me enviaram uma fita com músicas inéditas e me deram a nobre incumbência de gravar. Voltando ao CD, como eu estava ocupado com esses projetos, eles propuseram isso, e eu adorei. Com o tempo, fui gostando muito da cara que o trabalho ganhou, assim essa coisa meio *folk*, com pequeno apelo *rock'n'roll*, um disco pra se ouvir na estrada.

Giovana Sanchez



Pomba aguarda a vez no ombro de soldado Mabdi, enquanto Mohammed Saleem, de dezoito meses, já perdeu. Fuzileiro em Fallujah conduz prisioneiro



Glória e perda: combatente local comemora destruição de jipe e americanos choram colega morto

Pulitzer pulveriza prêmio e dá destaque ao conflito no Iraque

Fim da hegemonia de grandes jornais dos EUA surpreendeu em 2005

Os diários *The Wall Street Journal* e *Los Angeles Times* foram os destaques na área de Jornalismo do Prêmio Pulitzer 2005, divulgado em abril. Diferente dos anos anteriores, quando poucos veículos dominavam a premiação, os dois jornais foram os únicos a receber mais de um prêmio cada. O Pulitzer, concedido pela Universidade de Columbia, premia escritores, jornalistas e músicos de destaque na sociedade americana. (leia quadro)

O *Los Angeles Times* venceu na categoria mais prestigiada, a de serviço público, com uma série de reportagens que mostraram os problemas e a injustiça racial em um grande hospital público. O jornal também recebeu o Pulitzer de reportagem internacional pela cobertura sobre as ações na Rússia, realizada pelo jornalista Kim Murphy. No ano passado, o *LA Times* foi o grande vencedor, abocanhando cinco dos catorze prêmios reservados ao Jornalismo.

O diário financeiro *The Wall Street Journal* também ganhou dois prêmios: o de jornalismo especializado e o de crítica de artes e espetáculos. O *The New York Times* recebeu um Pulitzer na categoria reportagem nacional por seus textos sobre acidentes fatais nas rodovias americanas. Cada vencedor recebe uma quantia de US\$ 10.000, exceto o prêmio de serviço público, que é recompensado com uma medalha de ouro.

A variedade regional também marcou a premiação deste ano do Pulitzer. Treze organizações jornalísticas de diversas partes dos EUA foram reconhecidas por seus trabalhos. O repórter Nigel Jaquiss, de Portland, no estado de Oregon, venceu na categoria melhor reportagem investigativa pela revelação do envolvimento sexual de um ex-governador com uma menina de 14 anos de idade. O jornal em que escreve, o *Willamette Week*, é um semanário local alternativo, que possui circulação de menos de 90.000 exemplares. Outros veículos de expressão regional, como o *San Francisco Chronicle*, da Califórnia, e *The Courier-Journal*, de Kentucky, também foram premiados.

Guerra do Iraque- As fotografias da guerra do Iraque foram premiadas com dois Pulitzer. A equipe da Associated Press venceu na categoria *Breaking News* [Furo de Reportagem, em tradução livre], pela cobertura do conflito iraquiano ao longo do ano. O outro prêmio de fotografia foi para uma repórter do *San Francisco Chronicle*. Deanne Fitzmaurice realizou um ensaio sobre um garoto iraquiano de nove anos, internado em hospitais americanos para tratar as lesões sofridas na guerra. Os dois segundos lugares das categorias também foram escolhidos por fotos do Iraque.

O portfólio vencedor da Associated Press é composto por fotos de toda a equipe, com inclui cinco fotógrafos iraquianos e seis de outros países, entre eles os veteranos John Moore, Anja Niedringhaus e Brennan Linsley. O diretor de fotografia da AP, Santiago Lyon, elogiou os companheiros: "Eles tiveram que se preocupar com os dois lados do conflito, o rebelde e o da coalizão, caminhando no limite entre eles", afirmou. (MA)



O garoto iraquiano Saleh Kbalaf, de 9 anos, foi severamente mutilado por uma explosão. Seu espírito indomável, que lhe rendeu o apelido de Coração de Leão, mobilizou os cirurgiões da Força Aérea americana no Iraque. Ao lado, Saleh é confortado com o toque do seu pai, Rabeem



Columbia concede desde 1917 prêmio que Joseph Pulitzer criou

O Pulitzer é considerado o prêmio mais importante da imprensa escrita americana, capaz de redimensionar a carreira do jornalista vencedor em uma de suas categorias. Criado pelo húngaro-americano Joseph Pulitzer, editor de jornais, a premiação reconhece os trabalhos de destaque no jornalismo impresso, na literatura e nas artes. O primeiro Pulitzer foi recebido em 4 de junho de 1917 por Herbert Bayard Swope, repórter do diário *New York World*, e nos últimos tempos, os vencedores passaram a ser anunciados, todo ano, no mês de abril.

Um conselho independente, administrado pela Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia escolhe os vencedores. Somente podem ser premiadas reportagens e fotografias feitas por organizações jornalísticas baseadas nos Estados Unidos. Além do reconhecimento dos veículos profissionais, o conselho também premia os quatro mais notáveis estudantes de jornalismo da Universidade de Columbia.

O conselho consultivo é composto por editores e *publishers* de jornais. Outros participantes são o presidente da Universidade de Columbia e "pessoas distintas que não são jornalistas nem editores", segundo o sítio do prêmio. Em 2000, por exemplo, a junta que escolhia os vencedores foi composta por dois executivos da mídia, oito editores, cinco acadêmicos, um colunista e o administrador do prêmio. Na seleção dos membros, são observadas características como excelência profissional e analisada a diversidade em termos de gênero, etnia e distribuição geográfica dos votantes.

No início de fevereiro, o escritório do administrador do prêmio recebe os registros das reportagens nas categorias do prêmio de jornalismo. Pode concorrer material publicado em qualquer jornal americano diário ou semanário. Em março, os 77 editores, *publishers*, escritores e educadores reúnem-se na Universidade de Columbia para julgar os vencedores. Desde a instituição do Pulitzer, em 1917, os prêmios nas categorias de jornalismo são eventualmente adaptados pelo conselho, para acompanhar a evolução do jornalismo americano. Os prêmios de charge, por exemplo, foram criados em 1922, e o de fotografia, no ano de 1942.

Marianna Aragão